



الغرفة التجارية الصناعية العربية البرتغالية
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA ÁRABE-PORTUGUESA
Entidade de Utilidade Pública
هيئة ذات المنفعة العامة

RELATÓRIO

first 1 ARAB - PORTUGUESE ECONOMIC FORUM

Lisbon | 20th - 21st June, 2013



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

Índice

02 Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes, Introdução

05 Programa

Intervenções de todos os Oradores do Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes

08 Painel I - Portugal e o Mundo Árabe

29 Painel II – Cooperação no Sector das Infra-Estruturas

47 Painel III – Cooperação no Sector das Energias

63 Painel IV – Cooperação no Sector do Turismo

76 Painel V – Sessão de Encerramento

83 Jantar de Gala para as comemorações do 35º Aniversário da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa - 20/06/2013

87 Reuniões Bilaterais - 21/06/2013

88 Agradecimentos

CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA ÁRABE-PORTUGUESA

Av. Fontes Pereira de Melo Nº19, 8º – 1050-116 Lisboa – PORTUGAL
T: +351 213 138 100 | F: +351 213 138 109 | E: cciap@cciap.pt |
www.cciap.pt

Editor: Aida Bouabdellah – Secretária-Geral Adjunta da CCIAP

Layout: Gabinete de Comunicação e Design da CCIAP

© 2013 Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa. Todos os direitos reservados.



Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes



Os Países Árabes surgem hoje como parceiros relevantes e estratégicos de Portugal.

A crise Económica e Financeira Europeia é hoje uma realidade: a necessidade de encontrar novos mercados, capazes de fornecerem alternativas de negócio, é imperativa.

Os Mercados Árabes por esta casa representados oferecem um vasto conjunto de reais oportunidades de negócio a todos os patamares da actividade económica, sendo que estes mercados auferiram de um grande desenvolvimento na última década.

Com mais de 400 milhões de habitantes e potenciais consumidores, com um poder aquisitivo só de bens de equipamento e de consumo, que ultrapassa os 350 mil milhões de euros/ano, detêm oportunidades ímpares para a internacionalização das empresas Portuguesas. No entanto, continua a haver necessidade de encontrar novas formas para melhorar as relações económicas entre os dois povos.

Nos últimos anos Portugal duplicou as exportações para aquelas Zonas geográficas, que ultrapassam os mil milhões de euros, totalizando uma quota total (visíveis e invisíveis) de 10% das exportações Portuguesas.

No decorrer do seu plano de actividades para o ano de 2013, a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa (CCIAP) teve a honra e o privilégio de realizar, sob o alto patrocínio de **Sua Excelência o Presidente da República de Portugal, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva**, o **Primeiro Fórum Económico Portugal – Países Árabes**, entre os dias 20 e 21 de Junho de 2013, no Hotel Ritz em Lisboa.

Em estreita colaboração com a **Liga dos Estados Árabes, União Geral das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura dos Países Árabes, e Ministério da Economia Português**, a CCIAP realizou o Primeiro Fórum Económico Portugal – Países Árabes que contou com a ilustre participação e contributo de **Sua Excelência o Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Álvaro Santos Pereira, Sua Excelência o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Paulo Portas, de Sua Excelência o Ministro junto do Primeiro-Ministro, encarregado dos Assuntos Económicos e Sociais da República da Tunísia, Exmo. Senhor Dr. Ridha Saidi, bem como de Sua Excelência o Subsecretário do Ministério da Economia dos Emirados Árabes Unidos, Exmo. Senhor Dr. Abdullah Ahmed Al Saleh, Sua Excelência o Secretário de Estado das Obras Públicas, Transportes e Comunicações de Portugal, Dr. Sérgio Monteiro, Sua Excelência o Secretário de Estado da Energia de Portugal, Dr. Artur Trindade, Sua Excelência o Secretário de Estado do Turismo de Portugal, Dr. Adolfo Mesquita Nunes, bem como as Embaixadas Árabes acreditadas em Portugal.**

Contámos ainda com a preciosa participação do **Ministério dos Transportes e do Equipamento do Reino de Marrocos, pelo Membro do Conselho Geral do Equipamento, Exmo. Senhor Dr. Laazizi Mustapha, da Agência Nacional do Desenvolvimento e do Investimento da República Democrática e Popular da Argélia, pelo Exmo. Senhor Dr. Djouada Khaiar, das Agências de Promoção de Investimento, Federações e Câmaras de Comércio e Indústria dos Países Árabes, Associações Empresariais, diversas Instituições** e contámos com a presença de cerca de 300 **empresas Portuguesas e várias empresas Árabes.**

Esta iniciativa constituiu, indubitavelmente, como o culminar de 35 anos de trabalho árduo, de entrega e altruísmo da CCIAP à honrosa missão de estabelecer e aprofundar a cooperação entre as instituições, as empresas e a sociedade civil de Portugal e dos 22 Países da Liga dos Árabes, visando estabelecer uma plataforma duradoura de diálogo e complementaridade.

Esta plataforma de diálogo e complementaridade promoveu, durante dois dias, a discussão e o aprofundamento de temáticas tão pertinentes tais como: **A cooperação entre Portugal e o Mundo Árabe, a cooperação no Sector das Infra-estruturas, a cooperação no Sector das Energias, Energias Renováveis e Eficiência Energética, assim como a cooperação no Sector do Turismo**, contribuindo desta forma para o reforço da cooperação económica e tecnológica entre Portugal e os Países Árabes, em áreas económicas estratégicas. Para além de promover o debate, este **Primeiro Fórum Económico** serviu ainda para proporcionar oportunidades efectivas de cooperação entre as empresas Portuguesas e Árabes, e que serão certamente geradores de contrapartidas mútuas.

Os resultados alcançados neste Fórum, são para a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa bastante encorajadores, e revelam claramente o reconhecimento das Instituições e das empresas Portuguesas e Árabes pelo contributo enriquecedor que a CCIAP prestou nos últimos 35 anos de existência, e que invariavelmente continuará a desenvolver.

É o desejo profundo da CCIAP, que esta plataforma de diálogo continue a envidar os esforços necessários para promover o intercâmbio e a reciprocidade entre o sector empresarial e a sociedade civil, bem como promover o debate em torno de temáticas de extrema importância para o desenvolvimento económico e social de Portugal e dos Países Árabes.

Os principais objectivos visados com a realização deste evento foram:

- ***Incentivo à cooperação das relações bilaterais entre o sector privado Português e as entidades Árabes experientes a nível Internacional;***
- ***Promoção do sector industrial Português, bem como promoção do sector Árabe privado;***
- ***Aumento da competitividade das empresas Portuguesas no Mercado Árabe;***
- ***Identificação de Oportunidades de Investimento nos sectores a serem abordados;***
- ***Encontros bilaterais entre Empresas Portuguesas e Empresas Árabes.***

O primeiro dia foi reservado às várias intervenções dos oradores, sendo que o segundo dia foi destinado a reuniões bilaterais entre empresas Árabes e Portuguesas.

Estamos certos que a realização deste **Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes**, primeira manifestação deste género no País, se efectivou numa plataforma económica imprescindível para a cooperação Luso-Árabe.

Programa

| DIA 20 DE JUNHO, 2013 |

Painel I Portugal e o Mundo Árabe

09:30 | Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe - Portuguesa

Exmo. Senhor Eng. Ângelo Correia

09:40 | Sua Excelência o Ministro da Economia e do Emprego de Portugal

Exmo. Senhor Dr. Álvaro Santos Pereira

10:00 | Sua Excelência o Ministro junto do Primeiro-Ministro, Encarregado dos Assuntos Económicos e Sociais da República da Tunísia

Exmo. Senhor Dr. Ridha Saidi

10:20 | Presidente da Fundação AIP

Exmo. Senhor Comendador Jorge Rocha de Matos

10:40 | Sua Excelência o Subsecretário do Ministério da Economia dos Emirados Árabes Unidos

Exmo. Senhor Dr. Abdullah Ahmed Al Saleh

11:00 | Coffee Break

Painel II Cooperação no Sector das Infra-Estruturas

11:30 | Sua Excelência o Secretário de Estado das Obras Públicas, Transportes e Comunicações de Portugal

Exmo. Senhor Dr. Sérgio Silva Monteiro

11:50 | Ministério dos Transportes e do Equipamento do Reino de Marrocos

Exmo. Senhor Dr. Laazizi Mustapha, Membro do Conselho Geral do Equipamento

12:25 | Agência Nacional do Desenvolvimento e do Investimento da República Democrática e Popular da Argélia

Exmo. Senhor Dr. Djouada Khaiar

12:45 | Presidente & CEO da CBE

Exmo. Senhor Eng. Carlos Barroqueiro

13:00 | Almoço em honra de todos os Participantes

Painel III Cooperação no Sector das Energias

15:00 | Sua Excelência o Secretário de Estado da Energia de Portugal

Exmo. Senhor Dr. Artur Trindade

15:25 | Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Omã

Exmo. Senhor Dr. Ayman Bin Abdullah Al-Hasani

15:50 | Presidente do Conselho de Administração Executivo da EDP

Exmo. Senhor Dr. António Mexia

16:10 | Director Geral da ISA

Exmo. Senhor Eng. Henrique Pereira

Painel IV Cooperação no Sector do Turismo

16:30 | Presidente das Feiras Internacionais dos Emirados Árabes Unidos

Exmo. Senhor Dr. Ahmed Albanna

16:55 | Country Manager da Emirates Airlines

Exmo. Senhor Dr. David Quito

17:15 | Sua Excelência o Secretário de Estado do Turismo de Portugal

Exmo. Senhor Dr. Adolfo Mesquita Nunes

17:25 | LG Electronics Portugal

Exmo. Senhor Eng. Hugo Delgado

Painel V Sessão de Encerramento

17:45 | Sua Excelência o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal

Exmo. Senhor Dr. Paulo Portas

17:55 | Sua Excelência o Secretário-Geral & CEO da Câmara de Comércio e Indústria Árabe - Portuguesa

Exmo. Senhor Eng. Allaoua Karim Bouabdellah

20:30 | Jantar De Gala para as comemorações do **35º Aniversário** da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa



| DIA 21 DE JUNHO, 2013 |

09:30 | Encontros Bilaterais

13:00 | Almoço Livre

14:30 | Encontros Bilaterais

18:00 | Fim dos Trabalhos

Intervenções de todos os Oradores do Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes

Painel I Portugal e o Mundo Árabe



Intervenção da Exma. Sra. Secretária-Geral Adjunta da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Dra. Aida Bouabdellah

Que a paz esteja convosco, com a misericórdia e bênção de Allah

Se me permitem farei o meu discurso em Inglês.

Suas Excelências membros do Governo Árabe e Português

Suas Excelências os Embaixadores Árabes acreditados em Portugal

Caros membros das Federações e das Câmaras de Comércio e Indústria

Caro Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa

Caro Secretário - Geral da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa

Distintos convidados,

Senhoras e Senhores,

Em nome da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa é para mim um privilégio dar-vos as boas vindas ao **Primeiro Fórum Portugal Países-Árabes**.

Gostaria de agradecer a Sua Excelência o Ministro delegado, junto do Primeiro-Ministro, encarregado dos assuntos Económicos e Sociais da República da Tunísia, bem como a Sua Excelência o Subsecretário do Ministério da Economia dos Emirados Árabes Unidos.

Estamos muito honrados e profundamente gratos pelas suas presenças hoje aqui.

Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, obrigada pela sua presença, estamos muito felizes de o ter entre nós. A sua contribuição para esta iniciativa, foi e será de extrema importância para o sucesso deste Fórum.

Suas Excelências os Embaixadores Árabes acreditados em Portugal, o nosso profundo agradecimento pela vossa cooperação.

Os nossos sinceros agradecimentos estendem-se aos nossos *sponsors*, EDP, CBE, Teixeira Duarte, *Emirates Airlines*, Vodafone, LG, que tão gentilmente acordaram em participar nesta iniciativa mediante uma contribuição financeira, dando todo o apoio para o sucesso deste Fórum.

Destintos associados e empresários, obrigada pelo vosso voto de confiança na nossa Câmara. É para nós um privilégio ter-vos aqui entre nós.

Por fim, gostaria de agradecer a Sua Excelência o Presidente da **República Portuguesa, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva**, que sempre apoia, com o Alto Patrocínio, todas as nossas iniciativas.

Aproveito esta oportunidade, e novamente, para expressar a minha sincera gratidão ao nosso Secretário-Geral, Eng. Allaoua Karim Bouabdellah, que tornou este Fórum uma realidade.

É um privilégio para mim anunciar o nosso primeiro orador, o Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Eng. Ângelo Correia, que não poupou esforços a fim de tornar este Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes num grande sucesso.

Obrigada.

Painel I Portugal e o Mundo Árabe



Intervenção de Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Eng. Ângelo Correia

*Senhor Ministro da Economia de Portugal,
Senhores membros de Governo dos Países Árabes,
Senhores Embaixadores dos Países Árabes acreditados em Portugal,
Senhores convidados, senhores empresários,*

Em particular às delegações Árabes que estão presentes, gostaria de lhes transmitir o nosso acolhimento de gratidão e de amizade. É a 1ª vez em Portugal que conseguimos umas jornadas desta natureza ao trazer 12 Países Árabes, Delegações e participantes a esta reunião. Desde o Iraque, passando pelo Kuwait, os Emirados Árabes Unidos, o Sultanato de Omão, a Arábia Saudita, a Líbia, o Líbano, Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia, são muitos os vossos representantes e é muita a contribuição que nos deram.

Esta Câmara foi criada há mais de 30 anos, já com quase 37, com o objectivo de servir as relações entre Portugal e o Mundo Árabe. Para isso teve uma génese de natureza institucional e administrativa que a obriga a ter não só na sua direcção, alguns Portugueses eleitos pelos associados, mas também representantes dos 22 Países Árabes que compõem a Liga dos Estados Árabes presentes na Associação, e cuja importância se transmite no facto de todos os anos um dos seus representantes estar presente na nossa reunião do Conselho de Administração e na Assembleia Geral, na qual não é só votado o exercício do ano anterior mas também a visão prospectiva para os anos que se seguem.

Esta nossa relação não é meramente institucional, ou antes sendo institucional permite uma realidade política e uma realidade de contacto que é muito importante para Portugal na medida em que a Câmara se manifesta, se expressa, se institui como uma plataforma entre empresários Portugueses e empresários Árabes.

A Câmara directamente não faz negócios, a Câmara directamente não tem intervenções empresariais, mas a Câmara é uma plataforma onde os vários interesses Portugueses que expressam interesse pela cooperação com os Países Árabes transmite essa intenção e em função

da Câmara de Comércio e Indústria Árabe- Portuguesa procuram do lado de lá através das suas relações institucionais, parceiros com quem os empresários Portugueses desejem, e careçam de ter articulações.

O mesmo se passa no sentido inverso, isto é, quando as delegações de alguns Países Árabes nossos irmãos têm e pretendem uma relação mais directa e íntima com empresas Portuguesas em determinadas áreas, em determinados sectores, a CCIAP serve como interlocutor e como veículo para essa relação. Por isso é neste processo *on going*, este processo permanente de ligação entre as duas partes, que nós temos conseguido, e conseguimos durante muitos anos, uma relação privilegiada porque ganhámos a confiança dos nossos irmãos Árabes, e ao mesmo tempo mantivemos a nossa confiança junto dos empresários Portugueses.

Hoje este Fórum tem um objectivo, e o objectivo que nós temos está muito condicionado à economia Portuguesa, e estando condicionado à economia Portuguesa há duas palavras de agradecimento que nós temos de expressar hoje aqui:

A primeira ao Sr. Presidente da República pelo facto de nos ter dado o patrocínio a esta organização.

Em segundo, ao Sr. Ministro da Economia e a todo o seu Ministério pela disponibilidade, pela ajuda, pelo apoio que nos prestou e que é fundamental. Não teria aliás lógica uma organização desta natureza sem uma intimidade completa de contactos com o Ministro da Economia e com seu Ministério. Isso agrada-nos extremamente porque demonstra uma realidade, não queremos trabalhar sozinhos.

Portugal está habituado àquele espírito paroquial que nós conhecemos, em que resolvemos os problemas à moda da paróquia, isto é, os problemas são sempre pequenos, circunscritos e temos sempre algum horror a trabalhar em conjunto numa dimensão mais global. Esta Câmara recusa essa visão: nós existimos como Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa para estar em contacto permanente com as autoridades, com os poderes instituídos, sejam eles quais forem, mas também com os nossos parceiros e parceiras Portuguesas no Mundo Árabe.

Por isso o objectivo hoje, depois do agradecimento a quem devemos pela contribuição imprescindível por esta realização, é ao fim ao cabo afinal o seguinte: Este Fórum serve para pôr em contacto duas realidades distintas, as empresas Portuguesas, os empresários Árabes, de modo a que do contacto, do conhecimento mútuo possam resultar frutos. Frutos significam negócios, negócios significam empreendimentos, lucros, realizações e emprego. Um dos grandes problemas que afecta hoje em dia o Mundo Ocidental é muitas vezes o receio, para não dizer recusa, de utilizarmos as palavras certas para realidades necessárias. Uma sociedade só evolui se tiver boas empresas, as boas empresas só existem se tiverem sustentabilidade, só têm sustentabilidade se

tiverem mercado e se tiverem lucros na realização das suas operações. O nosso objectivo é favorecer e patrocinar de uma maneira indirecta essa capacidade de realização. E é por isso que aqui estamos, apesar de Portugal ter as dificuldades que todos conhecem e no momento difícil que atravessamos.

Portugal não perdeu valor.

Portugal não perdeu valências, a grande obra da industrialização, a grande obra da infra-estruturação que em 20 anos fizemos, ajudou na capacidade das empresas, de projectistas, de entidades que sabem e manejam redes de gás, de electricidade, de telecomunicações. A nossa capacidade de absorção dessas, eu diria, quase capacidades distintas e distintivas Portuguesas, não é hoje suficiente para as absorver, por isso precisamos de relações externas onde essas necessidades possam ser provadas. O grande movimento de infra-estruturação Portuguesa desde 1988 foi feito por empresas Portuguesas, foram engenheiros Portugueses, foram projectistas Portugueses, e foram empresários Portugueses. Nós fizemo-lo com o nosso saber e com o nosso conhecimento e nós temos orgulho e honra nisso. Por isso é o momento também de tentarmos ajudar a projectar essa capacidade Nacional no exterior. E se falarmos de infra-estruturação nós podíamos falar de outras áreas, das tecnologias de informação, podíamos falar da energia. Nós nas energias hoje em dia temos das empresas mais respeitadas no Mundo. E o emergente problema da eficiência energética está a despoletar em Portugal com uma assunção entre a tecnologia o *software* e a capacidade organizativa, que está a emergir numa forma notável. Por isso nós temos capacidades para poder relançar-nos no Mundo. O nosso recente desenvolvimento na agro-indústria, o nosso recente desenvolvimento no *upgrade* e na melhoria qualitativa, no aumento do valor acrescentado nesta área é também uma das áreas mais importantes para nós. Eu recordo, porque já vivi, já vi, há 20 anos que ando a acompanhar a Câmara: recordo há 20 anos, 15 anos, 10 anos ou menos, a enorme dificuldade que nós tínhamos em exibir competitividade nos nossos produtos agro-industriais. Éramos requeridos muitas vezes para fornecer e nós não nos encontrávamos com capacidade, com preço, com prazo para cumprir com o prazo de pagamento e qualidade adequada a mercados exigentes como são os mercados Árabes.

Os mercados Árabes são dos mercados mais exigentes que eu conheço, o grau de civilização, o grau de acesso ao consumo, até em alguns casos o grau de sofisticação. É preciso uma enorme capacidade e uma enorme qualidade e um enorme rigor empresarial da nossa parte.

Minhas senhoras e meus senhores, Senhor Ministro, Senhores membros do Governo dos Países Árabes, Senhores Embaixadores: a última ideia que gostaria de transmitir em nome da Câmara é de fazer-vos entender uma realidade nova. O que nós procuramos nesta relação é que naturalmente algumas empresas aumentem o seu grau de intercâmbio económico e comercial, mas mais do que isso, o que nós apelamos é à criação e ao estabelecimento daquilo que denominamos

parceria. Quando nós pensamos em ir para alguns mercados temos de pensar que só o podemos fazer na base de nos localizarmos lá, ficar lá. Com quem? Com parceiros locais. Nós estamos a falar duma filosofia diferente daquela que habitualmente Portugueses noutros locais do Mundo praticaram.

Uma coisa é nós praticarmos uma filosofia de entrada em mercados onde se fala Português ou se fala espanhol, ou se pensa que são mais próximos, onde nós às vezes vamos sozinhos e ficamos sozinhos e somos capazes de o fazer. No mercado Árabe é um erro. Seria uma imensamente grave atitude que limitaria a nossa expansão. Temos de procurar duas coisas em simultâneo: qual é a área onde estamos e para onde vamos; a segunda é saber qual é o parceiro Árabe com quem nos devemos associar para estar em permanência. O duplo trabalho da pesquisa do sector e do parceiro é uma questão vital para cada um de nós.

A Câmara está ao V. dispor para tudo isso e para o que legitimamente nos seja referido e entrosado nesta matriz cooperativa e interactiva entre Portugal e o Mundo Árabe. Não seremos só nós, o Ministério da Economia e outras entidades Portuguesas que o farão. Nós seremos uma das partes do todo, que se deseje trabalhem em conjunto, para bem de Portugal, para bem das empresas Portuguesas, para o bem de V. Exas., e para bem dos nossos amigos Árabes. A todos os que vieram, um obrigado e o grande prazer de os ter aqui.

Obrigado a todos.

Painel I Portugal e o Mundo Árabe



Intervenção de Sua Excelência o Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Álvaro Santos Pereira

Excelentíssimos Senhores Ministros, Secretários de Estado e membros de Governos dos Países Árabes presentes,

Exmos. Senhores Presidente e Secretário-Geral da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa,

Exmos. Senhores Embaixadores e Embaixadoras dos Países Árabes acreditados em Portugal,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Eu gostaria de dizer que é com enorme prazer que me encontro aqui hoje em nome do Governo, nesta sessão de abertura do **Primeiro Fórum Portugal-Países Árabes**.

Antes de mais permitam-me uma breve nota de saudação e de agradecimento à Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, e não tenho dúvidas, aliás, tenho trabalhado intensamente com a Câmara nos últimos meses e sou testemunha que a Câmara tem desempenhado um papel notável na promoção do intercâmbio económico e na crescente aproximação entre Portugal e os Países Árabes. Sem sombra de dúvida a Câmara de Comércio tem vindo a assumir-se como um polo essencial no relacionamento económico e empresarial no Mundo Luso-Árabe.

Além do importante papel proactivo no reforço dos laços culturais e de amizade entre Portugal e os Países Árabes, penso que a Câmara tem tido um papel fundamental também na apresentação e na dinamização de eventos como este.

É com o mesmo espírito e o mesmo sentido que o Governo de Portugal tem vindo a demonstrar e a desenvolver uma cooperação estratégica de primeira linha com os Países Árabes e tudo faremos para continuar a potenciar as nossas capacidades de cooperação e para as transformar em oportunidades recíprocas de desenvolvimento.

Portugal e o Mundo Árabe, como é sabido, possuem uma longa ligação histórica, uma ligação que é verdadeiramente secular. Uma relação que temos sabido renovar ao longo dos séculos, no respeito

pela identidade própria e pela cultura dos nossos povos. Isto representa uma herança e um património que cabe a todos nós representantes públicos e privados, Árabes e Portugueses, usar como instrumentos na economia no desenvolvimento Luso-Árabe. A proximidade geográfica, cultural e histórica tem particular relevo, face aos enormes desafios que hoje se colocaram à economia simultaneamente global e regional, em que as parcerias assumem um papel verdadeiramente crítico.

Portugal, condicionado como é sabido por factores externos por razão das suas contas públicas externas, procedeu nos últimos dois anos a um vasto conjunto de reformas que sem dúvida nenhuma criaram um ambiente de negócios mais amigável, mais favorável. Nós implementámos algumas das reformas mais importantes que foram feitas em qualquer país da Europa nos últimos anos, quer seja na área da concorrência, e obviamente essas reformas estruturais serão e são essenciais para tornar o nosso país mais competitivo e mais dinâmico.

Para além disso, Portugal é hoje sem dúvida nenhuma um país onde é mais fácil investir, onde o vasto conjunto de reformas económicas levadas a cabo veio criar e tende a criar um novo clima mais favorável e mais seguro para o investimento privado. As reformas desenvolvidas e implementadas em Portugal nos últimos dois anos modernizaram o quadro legislativo da economia Portuguesa, principalmente para eliminar os problemas de competitividade que a nossa economia tinha vindo a sentir. Embora os Países Árabes tenham uma posição de destaque no contexto das trocas comerciais com Países extracomunitários, quero aqui sublinhar que Portugal irá continuar a apostar forte na condição de parceiro preferencial dos Países Árabes no Norte de África e no Médio Oriente.

Existem notórias complementaridades entre as nossas economias ao nível da proximidade geográfica, dos circuitos da distribuição, das redes tecnológicas e da cadeia de produção por exemplo. Os mercados Luso-Árabes são fortes espaços de crescimento para as nossas empresas.

Também o quadro jurídico-institucional bilateral de Portugal com os Países Árabes sugere uma significativa melhoria. Na última década o número de instrumentos bilaterais de cooperação mais que triplicou. Caberá assim às empresas Árabes e Portuguesas e como disse também o Eng. Ângelo Correia, e bem, caberá a todos nós estabelecermos parcerias entre os nossos Países e maximizar as oportunidades que este novo ambiente nos proporciona. A aposta da internacionalização empresarial Portuguesa passa definitivamente pelos chamados mercados prioritários, e que os Países Árabes são obviamente uma parte muito importante para o nosso país.

Uma nota ilustrativa: a evolução homóloga da evolução das exportações Portuguesas de Janeiro de 2011, a Janeiro de 2012 e a Janeiro de 2013, mostra o maior aumento relativo das exportações de Portugal para Países terceiros como por exemplo a Argélia, o 3º maior aumento foi para Marrocos,

o 5º para a Tunísia e o 8º para a Arábia Saudita, ou seja, existe uma crescente cooperação económica, existe uma crescente integração económica entre os nossos Países, que é mais que natural não só pela nossa relação histórica, mas também porque muitos destes Países são Países vizinhos e é sabido, como acontece em quase todo o Mundo, os Países vizinhos, em condições normais tendem a ter um maior fluxo comercial e maiores fluxos de investimento entre si. Por isso mesmo o que estamos aqui a fazer, ao impulsionar este tipo de eventos é exactamente fazer dinamizar as relações económicas entre os nossos Países.

Este caminho não tem uma só via: é obviamente bidireccional, o aumento dos fluxos de investimento entre as empresas Portuguesas e as empresas dos Países Árabes permitirá que se diversifiquem clientes e fornecedores, aumentem quotas de mercado e estabeleçam parcerias, fusões ou aquisições. Neste aspecto do investimento há também muito terreno a explorar, muitos empresários Portugueses participam já em vários projectos de parcerias em diversos Países Árabes. Estou certo que os anos futuros irão confirmar essa tendência natural dos investidores Portugueses. Por outro lado devo dizer que o Governo Português tem fundada esperança que o investimento de origem Árabe possa ganhar em Portugal nos próximos anos, uma maior expressão e uma maior continuidade, e que possa tornar-se num elemento estrutural do nosso investimento estrangeiro no país.

Por isso mesmo, gostaria de referir que muito recentemente e como é conhecido, Portugal alterou o regime de vistos e autorizações de residência para investidores estrangeiros, nomeadamente os chamados Visas Gold, nomeadamente no ramo imobiliário. Por outro lado, nas últimas semanas Portugal e o Governo Português lançou um dos mais ambiciosos e generosos incentivos fiscais da Europa em matéria de IRC, criámos o que nós chamamos de super crédito fiscal, um novo regime fiscal, tecto fiscal, na prática permite que as empresas possam ter em certos casos taxas efectivas de IRC de 7.5%.

Também melhorámos as condições fiscais ao nível do regime para o investimento, e estamos neste momento a ultimar a reforma do IRC que irá permitir uma descida sustentada e significativa da nossa taxa de imposto para as empresas, o que obviamente torna ou virá a tornar o nosso país mais atractivo ao nível fiscal e ao nível da competitividade.

Está também em curso um programa importante, uma das reformas que temos levado a cabo, exactamente um programa importante ao nível das privatizações e das concessões. Sabemos que a venda de parte da REN, empresa pública que gere as redes eléctricas Portuguesas, para um consórcio do Golfo e com a entrada de uma empresa Magrebina no capital da EDP, que é o maior *player* do sector eléctrico Português, foram operações bem-sucedidas, foram assim criadas condições para outras operações e não somente na área das energias. Existem oportunidades em vários domínios, nomeadamente, neste momento já iniciámos o processo de privatização dos

nossos correios, os CTT. Também está em curso o processo para lançarmos a concessão de novos portos. Na área dos novos transportes, nomeadamente nos transportes suburbanos, concessões ferroviárias e também outros domínios como o domínio das águas. Ou seja, existem várias oportunidades de investimento em que obviamente convidaríamos os nossos amigos Árabes para olharem para Portugal e para estas oportunidades de investimento não só nas privatizações mas também noutras áreas.

Portugal tem sido um dos Países que tem apostado muito na sua modernização, nós temos empresas de excelência não só no sector das infra-estruturas, temos uma das melhores engenharias do Mundo, com provas dadas não só internamente mas também externamente, mas temos também várias áreas onde Portugal tem mostrado os seus créditos, quer seja na tecnologias de informação e comunicação, quer seja na indústria automóvel, na produção de moldes, quer seja noutras áreas onde as nossas empresas têm estado à frente no Âmbito do empreendedorismo e inovação.

Nós investimos muito e continuaremos a investir muito, na área do ID&T, na área da investigação, dando primazia não só à formação profissional mas também à inovação empresarial.

Fizemos uma grande reforma ao nível do capital de risco público.

Estamos a criar condições e iremos criar condições ao nível da reforma do IRC para impulsionar ainda mais a inovação e o desenvolvimento. Estamos também a criar condições, também destas reformas em curso, para que possamos tornar o país ainda mais competitivo não só do ponto de vista fiscal mas também, como eu disse, para podermos avançar com parcerias estratégicas em Países como os Países Árabes.

Existe assim um amplo espaço de cooperação entre os nossos Países, e o que gostaria de dizer é que espero que este Fórum, seja um Fórum onde os contactos bilaterais, onde as redes de negócio, onde os contactos sejam feitos, onde acima de tudo haja ainda uma maior aproximação entre os nossos empresários, onde nós nos possamos conhecer ainda melhor, para estabelecer parcerias em várias áreas de negócio onde penso existir bastantes complementaridades.

Portugal é um país que não só se modernizou, mas que agora está a tornar-se com as reformas estruturais em curso. Um país mais sustentável do ponto de vista económico e acima de tudo a tornar-se mais competitivo.

Não tenho o mínimo de dúvidas, que com os incentivos fiscais, com as reformas económicas, e com os processos de internacionalização em curso, que os investidores Árabes, e todos os Países também, neste caso estamos a falar dos Países Árabes, olharão para Portugal com novos olhos, olharão para Portugal como sendo um país de oportunidades. Obrigado.

Painel I Portugal e o Mundo Árabe



Intervenção de Sua Excelência o Ministro junto do Primeiro-Ministro encarregado dos Assuntos Económicos e Sociais da República da Tunísia, Exmo. Senhor Dr. Ridha Saidi

Em nome de Allah, O misericordioso, O clemente.

Senhor Ângelo Correia, Presidente da CCIAP,

Sua Excelência o Ministro da Economia e Emprego de Portugal, Senhor Álvaro Santos Pereira,

Senhor Secretário-Geral da CCIAP, Senhor Karim Bouabdellah,

Director Geral do Ministério do Comércio Exterior dos Emirados Árabes Unidos, Senhor Abdullah Al Saleh,

Suas Excelências os Embaixadores e Delegações Diplomáticas,

Empresários do mundo Árabe e da República Portuguesa, Bom dia!

Senhoras e senhores,

Em primeiro lugar quero dirigir uma palavra de agradecimento aos organizadores desta iniciativa e agradecer a boa recepção e exprimir a honra que sinto em participar nos trabalhos deste Fórum que versa sobre muitas áreas de interesse comum entre o mundo Árabe e Portugal, no intuito de promover a cooperação em vários sectores vitais. Permitam-me louvar o nível das relações entre Portugal e a Tunísia, relações estas, que unem o povo Tunisino e o seu Governo ao povo e ao Governo de Portugal, e louvar também o desejo de promover e melhorar estas relações em todas as áreas a favor de uma parceria vantajosa para ambos os Países, com a nossa sincera determinação de caminhar rumo a horizontes melhores.

As relações entre a Tunísia e Portugal já duram há muito tempo e estão enraizadas na história, não precisando de provas. Estas relações incluem muitas áreas, nomeadamente a área militar, a área educacional, comercial, do investimento, da indústria, do turismo, da cultura, e segurança social, além da cooperação ao nível parlamentar. Na Tunísia estamos a elaborar uma nova constituição e seguimos o exemplo da experiência Portuguesa no que concerne à constituição, bem como à forma do sistema político que vamos adoptar na nova República. Ao nível comercial as relações entre os

dois Países conheceram um desenvolvimento gradual, sendo que o volume destas trocas comerciais aumentou cerca de 600% entre 1998 e 2009, passando de 25 milhões de euros para 150 milhões de euros. Os principais produtos transaccionados entre os dois Países foram os materiais industriais, mecânicos, têxteis e vestuários, produtos agrícolas e agro-alimentares, couro e calçados.

Ao nível do investimento e parcerias, actualmente estão activas na Tunísia cerca de 44 instituições de capital Português, total ou parcial, com presença nos sectores da construção, cimento, têxteis e vestuário, investimentos estes, que necessitaram mais de 400 milhões de euros da parte dos investidores Portugueses e que facilitaram a criação de 3.000 postos de trabalho. Os investidores Portugueses encontram-se no 4º lugar entre os investidores estrangeiros na Tunísia. Estes investimentos são fortalecidos graças aos acordos de cooperação que foram assinados nos sectores do couro, calçado e energias renováveis. Também a Tunísia tem investimentos em Portugal, e há uma importante instituição tunisina com reputação mundial no campo de componentes para automóveis, que opera em Portugal e é classificada como uma das maiores empresas de capital estrangeiro em Portugal.

Ao nível do sector do Turismo esperamos um aumento do número de turistas Portugueses que vêm para a Tunísia. E nesta ocasião nós dizemos aos nossos amigos em Portugal, bem como a todos os presentes neste Fórum que a Tunísia é um país hospitaleiro e um país seguro, e nós convidamos-vos a visitá-lo.

Senhoras e senhores, a revolução de 14 de Janeiro de 2011 foi um ponto de viragem histórico no nosso país que tem dado ao nosso povo a oportunidade de formular novas políticas e construir um futuro promissor para as próximas gerações sobre uma nova base, cortando com as práticas do passado, concretamente com a tirania. Adoptando um modelo de estado enraizado na sua história e que inspira todo o espaço Árabe, Mediterrânico e Africano, baseado na supremacia da lei e no respeito das instituições do estado, salvaguardando os direitos do indivíduo e garantindo a sua liberdade e renunciando a todas formas de violência, extremismo, fanatismo e terrorismo, bem como o estabelecimento da segunda república baseada no estilo de consulta e conciliação como forma de tomada de decisão. Todas as reformas que estão a ser implementadas no nosso país estão a ser desenvolvidas de forma participativa, desde a elaboração da constituição e da reforma política do sistema de investimento e da lei de parceria entre o sector público e o sector privado, e os contratos públicos e projectos de desenvolvimento. Todos estes assuntos são abordados de uma maneira participativa. Neste contexto e para fazer face às apostas e desafios, o Governo trabalha em coordenação com os parceiros no intuito de realizar eleições justas, livres e transparentes, de acordo com as normas internacionais, com o objectivo de transferir o poder para aqueles que são escolhidos pelo povo. Há entidades que zelam por isto como a entidade eleitoral independente e a

entidade da comunicação e do audiovisual e a comissão Nacional para a luta contra a corrupção, sendo uma das exigências mais importantes da revolução, é a luta contra a corrupção que a pactuou com a tirania na Tunísia. A Assembleia Nacional Constituinte empenhou-se na redacção da constituição após um diálogo profundo entre as várias sensibilidades políticas e esperamos que a constituição seja ratificada o mais cedo possível para ser uma constituição para todos os Tunisinos, e depois disto abordar a preparação das novas eleições. Alguns responsáveis tunisinos têm visitado Portugal e contactado com o parlamento Português sobre as formas de cooperação na elaboração da constituição e das leis constituintes.

Senhoras e Senhores, a nossa política na esfera económica é fundada sobre a boa governação, a transparência e o combate à corrupção para alcançar o desenvolvimento integral e sustentável, através da integração económica e social de todos os actores, dando especial atenção aos grupos vulneráveis e marginalizados e desfavorecidos no desenvolvimento. Isso, com a permanência do Estado em alguns sectores estratégicos, e com o incentivo ao investimento pode realizar-se um salto qualitativo que é um factor de integração regional e internacional. Também estamos a trabalhar para melhorar o ambiente de negócios, nomeadamente através da realização de reformas legislativas e estruturais e no desenvolvimento de um sistema sofisticado de estímulo ao investimento, tomando em conta as prioridades da próxima fase. A partir deste ponto de vista estamos actualmente a trabalhar para rever o sistema de investimento e esperamos terminar a sua elaboração antes do final deste ano. Tudo isto para reavivar o emprego e o desenvolvimento regional e a modernização da economia e apoiar a actividade económica em sectores importantes.

Mais de 80% das nossas trocas comerciais são com a União Europeia, onde registámos em 2012 um aumento de cerca de 50% em relação a 2011. Este desenvolvimento positivo registado é considerado um indicador da confiança total e renovada entre os investidores na capacidade da Tunísia superar com firmeza a fase de transição. As nossas relações comerciais são variadas e nós procuramos mais que um espaço económico. O ano de 2012 testemunhou a criação de mais de 123 novas instituições. A Tunísia é o principal fornecedor da União Europeia no Sul do Mediterrâneo em termos de produtos industriais, e a energia tem uma grande parte nos investimentos totais de 2012, cerca de 35%. A indústria testemunhou um desenvolvimento significativo de 60% em 2012, em relação a 2011. Esperamos que os investimentos no sector energético sejam reforçados, especialmente nas energias renováveis onde trabalhamos para continuar os nossos esforços para desenvolver o uso de energias alternativas, e promover o uso da energia eólica, hídrica, solar e outras, para gerar electricidade que é uma das áreas de cooperação entre a Tunísia e Portugal no futuro. Por isso estamos a trabalhar para completar o regime jurídico do investimento nas energias renováveis, pois o quadro legal actual não permite isto. A nova lei será emitida nas próximas semanas. No âmbito do planeamento solar da Tunísia foram programados 40 projectos, incluindo 20 projectos que serão realizados pelas empresas privadas,

isto para fornecer uma capacidade de produção em 1000 MW em 2016, subindo em 2030 para 4.000 MW. Assim, a energia renovável vai passar a representar 40% em 2030, com uma redução das emissões de dióxido de carbono em 1.3 milhões de toneladas.

A elaboração da lei que rege as parcerias entre o sector privado e o sector público foi concluída e é baseada na partilha de riscos e benefícios. Na elaboração desta lei baseámo-nos sobre as melhores experiências nacionais.

Renovo os meus agradecimentos pela realização deste Fórum, e estamos confiantes que todas as partes farão tudo ao seu alcance em prol duma aproximação, isto ao serviço do desenvolvimento entre Portugal e o mundo Árabe, incluindo a Tunísia, e um aprofundamento desse desenvolvimento para níveis mais abrangentes. O certo é que o futuro é uma série de perspectivas promissoras.

Muito obrigado pela vossa atenção, e que a Paz esteja convosco.

Painel I Portugal e o Mundo Árabe



Intervenção do Exmo. Sr. Comendador Jorge Rocha de Matos, Presidente da Fundação AIP

Senhor Ministro da Economia e do Emprego de Portugal,

Senhor Ministro junto do Primeiro-Ministro encarregado dos Assuntos Económicos e Sociais da República da Tunísia, Exmo. Senhor Dr. Ridha Saidi,

Senhor Subsecretário de Estado da Economia dos Emirados Árabes Unidos,

Senhores Embaixadores Árabes acreditados em Portugal,

Senhor Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa,

Digníssimas delegações dos Países Árabes,

Senhores Empresários,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Permitam-me que em nome da Fundação AIP, comece por agradecer à Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, em especial ao Seu Presidente e meu amigo, Eng. Ângelo Correia, o honroso convite para intervir nesta sessão, cumprimentando todos os presentes e, muito particularmente, o Senhor Ministro da Economia e do Emprego e do Emprego, Ministro Tunisino, e o Senhor Subsecretário de Estado da Economia dos Emirados Árabes Unidos.

Falar sobre “as expectativas do tecido empresarial Português em relação aos mercados Árabes”, significa para a AIP ir ao encontro de uma prioridade que há muito estabeleceu, em estreita sintonia com os empresários Portugueses, em matéria de internacionalização da economia Portuguesa.

Na verdade, também o Conselho Estratégico de Internacionalização Empresarial, presidido por Sua Excelência o Primeiro-ministro de Portugal, o qual a AIP também integra, considera igualmente prioritário o aprofundamento do relacionamento com os Países Árabes, tanto no plano das relações comerciais como no do investimento.

No mesmo sentido, a AIP estabeleceu um protocolo com a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, visando a agilização conjunta das suas intervenções em matéria de internacionalização para os mercados Árabes.

Creio, pois, que existe um vasto consenso na sociedade Portuguesa, muito particularmente nos meios empresariais, considerando os mercados dos Países Árabes como uma enorme oportunidade que importa explorar de forma inteligente e numa perspectiva de continuidade, isto é, de longo prazo.

Permitam-me que recorde aqui, as linhas mestras da orientação estratégica implementada pelo Universo AIP em matéria de internacionalização:

Reforçar a cadeia de valor e a densificação da base exportadora Nacional, nomeadamente aproximando as capacidades existentes aos mercados com maior procura internacional e, bem assim, um melhor posicionamento nas cadeias globais que integram uma parte cada vez mais significativa dos bens e serviços exportáveis;

- Diversificar as exportações a nível intra-europeu e particularmente a nível extra-europeu, onde se relevam os Países que fazem parte do espaço de língua Portuguesa e os Países Árabes;
- Mobilizar para o terreno da internacionalização uma faixa alargada das PME Portuguesas;
- Redimensionar o tecido empresarial por via de estratégias colaborativas (fusões, aquisições, alianças estratégicas) para ganhar massa crítica para a internacionalização
- Reforçar a atractividade do IDE, nomeadamente por via de investimentos para a valorização da posição geográfica Portuguesa, permitindo desempenhar funcionalidades importantes no interface entre as grandes regiões da economia mundial (Europa e Ásia; Europa e América do Norte; e, Europa e Atlântico Sul);
- Valorizar competitivamente o território, conferindo-lhe funcionalidades e valências internacionalmente importantes;
- Desenvolver plataformas empresariais em geografias relevantes para a internacionalização da economia Portuguesa, onde se relevam os Países da CPLP, entendidos também como porta de entrada para as regiões económicas de que fazem parte, mas também os Países Árabes são importantíssimos para desenvolver esta estratégia.

Seria injusto não reconhecer que na última década tem existido um forte incremento do relacionamento entre Portugal e os Países Árabes, tanto no que diz respeito ao comércio bilateral de bens e serviços como em matéria de investimento.

Actualmente as empresas Portuguesas exportam para os mercados Árabes mais de 1.3 mil milhões de euros e detêm uma carteira de projectos em relação a estes mercados que se estima superior a 2 mil milhões.

Isto, permite-nos dizer que os Países Árabes, no seu conjunto, são, a seguir à União Europeia, um dos principais parceiros, ainda que essa relação esteja concentrada numa parte relativamente pequena desses Países.

Significa, também, que existe um elevado e amplo espaço de oportunidades nestes Países ainda por explorar.

Conhecê-lo é fundamental para se poder agir, e, para o fazer, são necessárias abordagens inteligentes, porventura facilitadas por via de estratégias colaborativas.

Estamos a falar num mercado que tem recursos financeiros, capacidade crescente de consumo, incluindo segmentos de elevado consumo nalguns dos Países, com uma população global da ordem dos 450 milhões de consumidores se considerarmos o conjunto dos 22 Países que constituem os Países do Magrebe, do Machereque e do Conselho de Cooperação do Golfo.

Estamos, pois, a falar de um elevado potencial ainda por explorar por parte das empresas Portuguesas, muito particularmente das PME.

Em boa verdade, não existe qualquer razão substantiva que nos impeça de trilhar este caminho. Temos relações histórico-culturais de grande proximidade, e, em termos de distância geográfica essa proximidade ainda é maior. Acresce que o perfil da nossa oferta de bens e serviços adequa-se em larga medida à procura de uma boa parte das indústrias destes Países.

As mais diversas indústrias, desde as obras públicas, aos materiais de construção, ao sector têxtil, ferroviário, às tecnologias da informação e da comunicação, às tecnologias do ambiente, nomeadamente a nível das energias renováveis e do *hardware* e *software* associados ao saneamento básico, à construção e obras públicas, aos recursos hídricos, às minas, às telecomunicações, ao calçado, ao farmacêutico, ao mobiliário, ao agro-alimentar, ao turismo, ao *engineering*, à educação e formação, à certificação da qualidade, entre outros, traduzem um vasto espaço de oportunidades para as empresas Portuguesas e para o incremento das relações com os Países Árabes.

Permitam-me ainda que enfatize, a este propósito, o nosso sistema de ciência, tecnologia e desenvolvimento tecnológico que, também ele se afigura um importante veículo para a internacionalização e cooperação internacional.

Os fortes investimentos nele efectuado nas últimas duas décadas e a sua integração em redes de investigação e de conhecimento qualificam-no para desempenhar um importante papel instrumental, nomeadamente ao nível da cooperação universidade-empresa e capacitando-o para apoiar a cadeia de valor das organizações e a internacionalização empresarial.

Quero também reforçar a importância de se estabelecerem plataformas empresariais em diversos Países Árabes que possam servir de âncora para internacionalização das empresas Portuguesas. Estas “Plataformas empresariais” afirmar-se-ão como espaços logísticos e áreas de competência, de promoção de actividades, bens e serviços, e de desenvolvimento de negócios, visando dinamizar a produção, o comércio e o investimento bilateral e multilateral.

Este é um trabalho que a AIP, Fundação AIP, e a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa poderão desenvolver conjuntamente dando corpo a uma rede de inteligência económica para apoiar as empresas Portuguesas e em particular as PME na senda da internacionalização para os mercados dos Países Árabes.

Em síntese, investir no aprofundamento desta relação com os Países Árabes é seguramente um exercício de soma positiva para as partes, existindo complementaridades importantes que podem ser inteligentemente exploradas. Estou convencido que Portugal e as empresas Portuguesas têm muito a ganhar ao aprofundarem esta relação e que o mesmo sucede em relação às suas congéneres Árabes.

No universo da AIP temos vindo a desenvolver várias iniciativas, nomeadamente através de participações de missões empresariais nos Países do Norte de África. Eu gostaria que num futuro próximo pudessemos começar a inverter as situações e começar a trazer também a Portugal empresários, investidores que pudessem connosco partilhar uma estratégia de cada vez mais diversificação na actividade económica no espaço global.

Muito obrigado, e bom trabalho.

Painel I **Portugal e o Mundo Árabe**



Intervenção de Sua Excelência o Subsecretário do Ministério da Economia dos Emirados Árabes Unidos, Exmo. Senhor Dr. Abdullah Ahmed Al Saleh

Sua Excelência o Ministro da Economia de Portugal, Dr. Álvaro Santos Pereira,

Sua Excelência o Presidente da CCIAP,

Sua Excelência o Ministro dos Assuntos Sociais da Tunísia,

Excelentíssimos Senhores Embaixadores,

Senhoras e Senhores, Bom dia!

É um prazer para todos nós estarmos aqui na maravilhosa cidade de Lisboa, que combina a tradição e a modernidade, com os seus monumentos históricos e prédios modernos. É uma boa oportunidade para testemunhar o início da primeira sessão deste **Fórum Económico Portugal – Países Árabes** e, acredito firmemente que vai acrescentar muito às relações comuns e aos diferentes níveis de cooperação e colaboração.

Deixem-me apreciar os esforços de todas as partes que contribuíram para a organização deste evento, representados pelo Ministério da Economia de Portugal, pela Liga dos Estados Árabes, pela União Geral das Câmaras de Comércio e Indústria e pela CCIAP. Todos abriram as portas a uma série de sectores financeiros e de negócios de ambos os lados para falar directamente sobre os vários temas e assuntos de interesse comum, bem como analisar as oportunidades de investimento e as possibilidades de reforçar a cooperação e as relações de parceria.

Senhoras e Senhores,

As relações entre os Países Árabes e a República Portuguesa estão profundamente enraizadas na história, tendo uma história profunda que interligou ambas as partes através de laços políticos e económicos multiculturais, resumindo uma história que se estende por centenas de anos. E se nos últimos anos estas relações têm testemunhado mais aproximação Luso-Árabe, as relações

económicas também conheceram um crescimento exponencial. Assim os dados e as informações indicam que essas relações têm demonstrado durabilidade. Neste contexto, o volume das trocas comerciais entre Portugal e os Países Árabes atingiu cerca de 6.6 mil milhões de dólares em 2012. As exportações de Portugal para os Países Árabes representaram cerca de 2 mil milhões de dólares, enquanto as importações Portuguesas dos Países Árabes somaram 4.6 mil milhões de dólares. Os Emirados Árabes Unidos representaram cerca de 6% do total das trocas comerciais Luso-Árabes. Apesar desta conquista e deste desenvolvimento das relações comerciais e deste crescimento nos indicadores e números comerciais somos obrigados a olhar para maneiras de expandir os horizontes desta cooperação e aumentar as trocas comerciais entre os dois lados.

Senhoras e Senhores,

Os Emirados Árabes Unidos e a sua liderança política têm feito muito para reforçar a cooperação com Portugal, e houve uma troca de visitas entre os dois lados onde foi assinado um pacote de acordos, abrangendo as áreas política e económica, bem como foram assinadas as convenções para evitar a dupla tributação, protecção e promoção dos investimentos entre os Emirados Árabes Unidos e Portugal.

Senhoras e Senhores,

Esses esforços resultaram num sucesso distinto na parceria entre os Emirados Árabes Unidos e Portugal, e segundo o que os números e indicadores demonstram, os Emirados são um dos parceiros económicos mais importantes de Portugal ao nível do Conselho de Cooperação do Golfo. No que diz respeito aos negócios os Emirados vêm em segundo lugar depois da Arábia Saudita.

O comércio não petrolífero entre os Emirados Árabes Unidos e Portugal representou 25% em 2012, os Emirados Árabes Unidos representaram cerca de 15% do total das importações Portuguesas não petrolíferas do Conselho de Cooperação do Golfo durante o ano de 2012 e cerca de 30% do total exportações de Portugal para o Conselho de Cooperação do Golfo. Isto reflectiu-se na evolução do volume do comércio exterior entre os dois Países em 2012. Assim o volume de comércio exterior somou 300 milhões de dólares, uma taxa de crescimento de 23% em relação a 2011. Do lado das exportações não petrolíferas verificou-se um crescimento de 124% em relação a 2011 e chegaram a 38 milhões de dólares, contudo estes números ainda são modestos e estamos ansiosos para alcançar mais. A economia dos Emirados Árabes Unidos disfruta de boas condições, pois espera-se que a taxa de crescimento chegue aos 4.4%. Os Emirados Árabes Unidos têm um grande potencial, um ambiente económico estimulante que os ajudou a atrair as maiores empresas industriais e comerciais, cuja fama global é indiscutível. Além disto a política de diversificação económica prosseguida pelo Estado contribuiu para captar investimentos internacionais em todos os sectores económicos, incluindo os investimentos Portugueses. As empresas dos E.A.U,

especialmente as linhas aéreas dos Emirados contribuíram para reforçar a cooperação entre os dois Países tanto ao nível de passageiros como ao nível de carga. É a primeira companhia aérea que liga o Médio Oriente a Lisboa.

Senhoras e Senhores,

Além dos aspectos acima mencionados da cooperação existente entre os dois lados, há muitas oportunidades promissoras ao nível económico, comercial e de investimento, tais como: a transferência de tecnologias, de conhecimento e informação no domínio de tecnologias avançadas. Estamos também interessados em saber as oportunidades de investimento oferecidas pelo mercado Português, e estamos ansiosos para aumentar os nossos investimentos em Portugal, além do investimento actual em sectores importantes como o turismo e o sector industrial. Estamos aqui com vocês neste Fórum para comunicar e fornecer as informações necessárias que vocês procuram, bem como para responder às vossas perguntas.

Em conclusão, podemos agradecer a todos pelo seu apoio à realização deste Fórum e desejo-lhes muito sucesso em todos os debates.

Obrigado e bom dia.

Painel II **Cooperação no Sector das Infra-Estruturas**



Intervenção de S. Excelência o Secretário de Estado das Obras Públicas, Transportes e Comunicações de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Sérgio Silva Monteiro.

*Quero agradecer à Câmara de Comércio e Indústria Árabe Portuguesa (CCIAP) na pessoa do seu Presidente da CCIAP, Eng. Ângelo Correia e do seu Secretário-geral, Eng. Allaoua Karim Bouabdellah pelo convite formulado para estar aqui presente no **Primeiro Fórum Económico Portugal – Países Árabes**.*

Portugal privilegia uma estratégia conjunta quanto ao investimento, plasmada na ampla receptividade ao investimento estrangeiro e à sua participação nas empresas estatais. Todos os investidores, independentemente da sua natureza e da sua origem, podem apresentar propostas no âmbito do Plano Nacional de Privatizações do Governo Português, onde não haverá discriminação positiva nem negativa do investimento.

No âmbito do contexto económico internacional, Portugal necessita do apoio dos Países amigos para potenciar a sua economia, nomeadamente através do aproveitamento de oportunidades de investimento em sectores económicos estratégicos para Portugal, tais como o sector da construção e da aviação.

Assegurar a permanência nos mercados, quer de origem quer de destino é um desígnio que nós enquanto Governo devemos prosseguir. Isto consegue-se através não só de facilitação de entradas, iniciativas como por exemplo os golden visas, que procuram criar condições de manter as pessoas e os investimentos mais perenes no nosso país, mas também apostando em políticas de reciprocidade, de tratamento relativamente às empresas Portuguesas que se querem fixar nesses mercados.

No que concerne ao sector da aviação, a empresa Transportadora Aérea Portuguesa (TAP) tem uma limitação financeira e geográfica na sua afirmação internacional, o que despoletou o seu processo de privatização e que constitui uma excelente oportunidade de investimento. Actualmente a TAP tem uma excelente capilaridade no mercado Europeu e com uma participação no mercado Brasileiro que lhe confere uma posição estratégica nos mercados emergentes. Os mercados onde a

TAP opera são mercados estratégicos para as empresas Portuguesas, daí a aposta do Governo Português no seu processo de privatização

Independentemente das questões que hoje pontualmente vive, continua a ser um mercado onde as perspectivas de crescimento são em termos de percentagem maiores do que um mercado dito avançado ou mais desenvolvido: falo do Brasil.

A operação da TAP no Brasil, hoje, é uma operação que deixa a TAP numa posição singular, diria eu, no que diz respeito às empresas de segundo nível europeu que têm valor no mercado. Porque a maioria das empresas europeias servem como vida para as grandes transportadoras aéreas deste continente, mas não têm valor por si, porque não têm rentabilidade suficiente na sua rede europeia para conseguirem ter um futuro a médio prazo. A TAP tem essa capilaridade a nível europeu que serve como vida para rotas que ela própria faz e não depende por isso de companhias terceiras para a fazerem.

E eu queria deixar uma vez mais reiterado o nosso compromisso perante esta privatização mas também de dizer que os mercados hoje onde a TAP está são mercados estratégicos e nós queremos fazer com que com os acordos bilaterais que temos com esses Países possam perdurar no tempo para lá do processo de privatização, são acordos entre estados, para que a preservação do valor da TAP seja uma realidade, mas também que no contexto do investidor que estrategicamente olhe para a nossa companhia possa vê-la como uma plataforma de crescimento para outros mercados e aqui temos claramente uma oportunidade no Médio Oriente, temos uma oportunidade no Extremo Oriente onde as actividades económicas se têm intensificado, e ainda bem, e temos procurado enquanto Governo criar condições para que isso seja uma realidade. O turismo tem também tido um incremento importante e as agências de viagens, os agentes turísticos têm estado atentos a este mercado. Precisamos enquanto país de fazer uma cobertura mais sistemática com ofertas para esses mercados, mas que têm tido um crescente poder de compra, uma crescente capacidade económica e que podem olhar para o nosso país como um destino importante.

Por outro lado o sector da construção e obras públicas tem nos últimos anos feito um caminho importante de internacionalização que precisamos continuar. Desde que somos Governo que deixámos muito claro que não podíamos continuar a viver do mercado interno. A maioria das empresas de média e grande dimensão já tinham feito esse esforço, esse caminho no sentido de fazer com que outros mercados pudessem compensar a redução de actividade que tinham no mercado Português, mas essa vivência tem-se intensificado e nós enquanto governos temos de estar, não só nestes fóruns, mas em todos aqueles onde a diplomacia económica pode ter uma intervenção forte, para passar um conjunto de mensagens que descrevem de forma simples quais

são as vantagens comparativas das empresas do nosso país e de que forma é que nós entendemos que a cooperação económica se faz.

Da mesma forma que nós pedimos as relações perenes a quem quer comprar as nossas empresas e tem um plano de investimento a médio prazo, o compromisso que enquanto país temos de saber, passar não só nas relações entre estados mas também nas relações entre empresas, é que as oportunidades não podem ser só num momento de necessidade mais pontual, têm de ser vistas como uma oportunidade também dos Países de poderem receber o *know-how* técnico e por isso nenhuma empresa portuguesa se deve sentir limitada pelo facto de nos Países que nos acolhem, pretenderem ter uma parte de capital seja detido nessas empresas por empresas da Nacionalidade dos Países que nos recebem como investimento, porque isso é uma forma de garantir a transferência desse *know-how* e nós temos gosto em ajudar que esse *know-how* seja transferido. E por isso, da mesma forma que nós no passado recente bebermos da experiência daqueles que tinham mais experiência do que nós, temos de estar disponíveis para permitir que isso seja uma realidade.

Começando pela organização que as nossas empresas têm de ter a montante: sempre que são anunciados pelos Governos, pelas agências governamentais, por quem tem obrigação de apresentar os planos internacionalmente, sempre que são apresentados planos de infra-estruturas, nós temos de juntar imediatamente as capacidades e não permitir, como algumas vezes tem acontecido, que as empresas de planeamento e projecto não estejam ligadas com as empresas nacionais na oferta de produtos e serviços para esses Países. Seremos mais fortes e competitivos se conseguirmos agregar a capacidade de planeamento que é reconhecida com a capacidade de execução, porque Portugal tem uma capacidade de execução em preço, em tempo e em qualidade que ombreia com as maiores empresas de construção e obras públicas do mundo. Assim saibamos fazer também bem o trabalho de planeamento e juntar, agregar as capacidades e valências que temos.

Não é só uma responsabilidade dos agentes privados, eu tenho consciência que na esfera pública há também muitas empresas de planeamento que trabalham de forma relativamente desgarrada face às empresas que depois fazem a execução desses planos e temos procurado criado condições, plataformas transversais de entrega de soluções chave-na-mão, e tal como eu tive ocasião de sinalizar aos jornalistas no momento antes de me juntar a vós, julgo que Portugal tem também um papel importante na diversificação das fontes de financiamento para projectos de infra-estruturas para os Países Árabes.

Tipicamente quando empresas europeias estão presentes nesses Países, e Países que têm o apoio do Banco Europeu de Investimento, é mais simples que completando os apoios que tipicamente que o Banco Mundial, ou o Banco Africano no continente Africano, ou bancos mais próximos do

mercado Árabe dão, é muito importante que o Banco Europeu de Investimento possa também estar presente em encontrar resposta para as necessidades de financiamento para algumas infra-estruturas específicas e depois precisamos de criar, rever, estabelecer, nos casos onde não existam, os acordos que visem dar visibilidade, transparência, à regulação e ao acesso aos mercados.

Nós não pedimos um tratamento diferenciado relativamente às nossas empresas, sabemos a importância de entregar produto de qualidade, mas também sabemos que só conseguiremos ter capacidade competitiva, se houver, obviamente, igualdade de oportunidades, a mesma que nós oferecemos aos investidores que querem investir no mercado Português. É por isso extremamente importante que as empresas Portuguesas desde o primeiro momento com a presença local que têm, estejam atentas à capacidade de geração de investimento e realização desse mesmo investimento. Pontualmente há nalguns Países dificuldades de obtenção de vistos, capacidade de deslocalização de mão-de-obra Nacional, exactamente porque há percepção de que nalguns casos essa deslocalização substitui capacidade de emprego de mão-de-obra local, que quer ser treinada.

Nós temos enquanto Governo e as empresas têm enquanto empreendedoras locais, de criar condições para que haja o clima de confiança entre organizações suficiente para que se faça a facilitação dessa deslocalização da mão-de-obra, nomeadamente através da simplificação na emissão de vistos. Há depois todo o trabalho de harmonização fiscal, de reciprocidade no tratamento fiscal nos investimentos de uns Países para os outros. Este trabalho, que também é difícil do nosso lado fazê-lo, no momento em que estamos sob assistência económico-financeira, é crucial que enquanto não temos total liberdade enquanto país, para estabelecer estes acordos, possamos criar condições ao nível da discussão entre autoridades fiscais, para que essa harmonização no momento em tenhamos todos os graus de liberdade quando terminar o programa de assistência, seja possível e assim as nossas empresas possam ter um tratamento competitivo no país de destino, da mesma forma que os investidores estrangeiros possam ter esse tratamento.

Estas iniciativas são muito importantes para dar a conhecer aquilo que é a vontade de cada um dos estados que está presente, relativamente não só ao papel das suas empresas mas aos planos de desenvolvimento que têm. Do nosso lado nós queremos assegurar, primeiro: que todos os processos que temos conduzido de abertura do mercado a investimento estrangeiro, são conduzidos com total transparência e abertura como repito, mais uma vez foi assumido ontem pela Comissão Europeia e por outro lado, que temos capacidade instalada com saber técnico, com capacidade de resposta imediata e com competitividade do ponto de vista do preço, tempo e qualidade, que sabemos é um preocupação grande face a outros investimentos, de Países que depois do ponto de vista de qualidade não têm a mesma capacidade de resposta, sabemos isso

mas estamos preparados para dar todas as garantias de qualidade, na execução ao nível da construção e das obras públicas.

Portugal, repito, é um país amigo de todos aqueles que olharem para as nossas empresas como sendo empresas que têm oportunidades para lá colaborar, precisamos dos Países amigos agora mais do que nunca, para empregar uma parte da nossa capacidade instalada que não tem trabalho em Portugal. E por isso é com humildade que reconhecemos que precisamos de ajuda e é com a mesma humildade que dizemos, recebemos de braços abertos e assim olhem para as oportunidades que temos como oportunidades geradoras de valor. Temos o exemplo de investimento que a *Oman Oil* fez recentemente, e muitos outros investimentos que estão em *pipeline*, relativamente ao sector energético, ao sector mineiro onde há presença muito forte de investimento no Médio Oriente e também no Extremo Oriente, e queremos alargar isso, quem sabe, ao transporte aéreo por um lado e por outro à gestão das infra-estruturas feitas nesses Países.

Estamos disponíveis para cooperar com o nosso laboratório de estado. O LNEC tem sido crescentemente solicitado por um conjunto de Países que tem planos de investimento e querem ajuda no planeamento. O LNEC está disponível para fazer isso, *pro bono*, porque interessa ao país que o laboratório de estado seja reconhecido e que tenhamos uma vantagem do ponto de vista temporal relativamente a esse planeamento. Estão disponíveis as empresas públicas e privadas para ajudar também nessa discussão, relativamente às infra-estruturas que são prioritárias ou estratégicas assim que os Países entendam que há vantagens em fazer esse trabalho em conjunto conosco e temos a capacidade de execução. Uns têm a vontade, outros têm a capacidade. Só se fizermos muito mal o nosso trabalho, é que não juntaremos estas valências para tornar o investimento entre o mundo Árabe e Portugal, como um investimento mais frequente, mais profícuo e sobretudo estrategicamente voltado para as relações de médio e longo prazo.

É com esse esforço que nós cooperamos com a Câmara de Comércio, é com esse esforço que nós acarinhámos eventos como este, é com este esforço que nós procuramos criar condições para que o intercâmbio comercial ao nível das empresas se faça, porque por muito que os Estados queiram que haja cooperação, as empresas precisam de sentir esse voto de confiança. Mas eu acredito que se nos conseguirmos congregar todas essas vontades teremos condições para obter uma resposta positiva, face aos reptos que nos são lançados.

Fico curioso para ouvir as intervenções seguintes porque é muito importante que no nosso país, sejam apresentadas as ideias do ponto de vista de investimento que existem para os próximos meses e próximos anos. As últimas reuniões têm dado frutos, ainda há bem pouco tempo um grande investimento foi anunciado no país como a Venezuela e julgamos que esta aproximação entre Países nos permitirá ter anúncios da mesma dimensão no mundo Árabe e que portanto permitam que as empresas Portuguesas continuem a exportar a sua capacidade no futuro próximo

e com isso nós cooperemos economicamente de forma mais rápida e com isso conseguiremos dar uma resposta estruturada à crise económica que temos, sem inflacionar o investimento público para o qual não temos recursos e para os quais precisaríamos de dívida que também não temos, mas criando condições para que a tal internacionalização se faça.

Faço votos, como eu disse, para que as próximas intervenções nos tragam algumas novidades em relação aos planos investimento e sobretudo que na sequência deste evento possam haver boas notícias de cooperação entre as nossas entidades.

Muito Obrigado.

Painel II **Cooperação no Sector das Infra-Estruturas**



Intervenção do Conselheiro Geral do Equipamento, do Ministério dos Transportes e do Equipamentos do Reino de Marrocos, o Exmo. Senhor Dr. Laazizi Mustapha.

Senhor Secretário de Estado dos Transportes e Obras Públicas de Portugal,

Suas Excelências os Ministros e Embaixadores,

Senhor Presidente da CCIAP,

Senhor Secretário-Geral da CCIAP,

Chefes das delegações,

Senhoras e Senhores empresários distintos, Bom dia!

Em primeiro lugar gostaria de expressar o meu agradecimento em nome do Governo de Marrocos aos responsáveis do Ministério da Economia e do Trabalho de Portugal, bem como aos responsáveis da CCIAP pelo convite para participar no **Fórum Económico Portugal – Países Árabes**. Agradeço também a calorosa recepção e hospitalidade que demonstraram.

É uma honra para a delegação Marroquina participar nos *workshops* empresariais que visam alcançar a cooperação e o investimento em infra-estruturas. Este tópico é compatível com a visão e as orientações do Reino de Marrocos e que é traduzido pelo Ministério do Equipamento e dos Transportes no desenvolvimento das infra-estruturas de transportes e no desenvolvimento económico e social do país. Assim, o nosso Ministério tem repetidamente participado neste tipo de fóruns para destacar as relações de cooperação com os parceiros, em particular com os Países do Mediterrâneo e os Países do mundo Árabe com o intuito de construir uma parceria estratégica e atrair investimento de modo a abrir caminho para projectos no Reino de Marrocos. Neste contexto, a relação de cooperação de Marrocos com Portugal por um lado e, com os Países Árabes por outro lado, é ideal. O facto de pertencer à mesma área motiva-nos a reforçar a nossa cooperação no âmbito da parceria estratégica onde as infra-estruturas são consideradas como a espinha dorsal da região.

No que diz respeito à construção na esfera económica, observa-se uma forte presença das empresas Portuguesas com contributos na área da engenharia ou através de estudos técnicos para projectos de estradas, rodovias, ferrovias e serviços públicos. As empresas Portuguesas ganharam uma série de ofertas e, estou confiante que a cooperação com Portugal conhecerá mais desenvolvimentos para além da sua intensificação no intuito de alcançar os objectivos comuns dos dois Países.

Senhoras e senhores, as infra-estruturas são consideradas como um dos factores determinantes do crescimento económico, e os seus resultados económicos e sociais directos e indirectos desempenham um papel importante no lançamento económico dos Países, e como é conhecido em todos os Países as infra-estruturas têm um impacto na determinação da taxa do produto interno bruto (PIB).

O Reino de Marrocos tem projectos de infra-estruturas no horizonte de 2030-2035 que foram programadas nas áreas de desenvolvimento, tais como: estradas, auto-estradas, ferrovias, portos e aeroportos. Há projectos que foram realizados, outros que estão em fase de implementação e outros estão em fase de estudo. Tudo isto traduz o desejo do país em dotar-se de uma boa rede de infra-estruturas com o intuito de tornar Marrocos numa ligação entre as zonas internacionais. Neste contexto, Marrocos tem conseguido importantes projectos em infra-estruturas que visam a integração regional. Citamos como exemplo a estrada costeira ao longo do Mediterrâneo e a auto-estrada Norte-Sul que é uma extensão das estradas existentes no sul da Europa, e que ligam Tânger a Agadir. Há também a auto-estrada Magrebi que faz a ligação entre Rabat e Oujda. Há também o complexo do porto de Tânger Med. Vai ser concluída também a 1ª da linha ferroviária de alta velocidade que liga Casablanca a Tânger. No futuro próximo irão começar os trabalhos no complexo Nador Med.

Quanto aos projectos futuros no horizonte de 2030 e que têm a ver com as infra-estruturas e logística são apresentados neste livro que colocámos à V. disposição. São oportunidades reais para investir no âmbito da parceria entre o sector público e o sector privado. O sector dos transportes foi reestruturado de acordo com a nova constituição do Reino de modo a acompanhar os desenvolvimentos internacionais neste domínio. Estas reformas dizem respeito ao sector dos transportes rodoviários de pessoas e bens, ao sector ferroviário, aos portos, e ao sector do transporte marítimo e aéreo.

Além disso, Marrocos tem como objectivo desenvolver a área da formação e investigação no sector rodoviário e ferroviário, transporte aéreo e marítimo e portos. Para atender às necessidades nacionais e abrir as portas à cooperação com os Países da região e especialmente os Países do sul do Mediterrâneo.

Senhoras e senhores os esforços feitos por Marrocos nos últimos anos para o desenvolvimento do sector dos transportes e logística permitiu melhor a sua posição no ranking mundial. Este ranking é feito pelas Nações Unidas e tem a ver com o comércio e desenvolvimento. Assim, Marrocos passou do 77º lugar em 2004 para o 18º lugar em 2011, entre 168 Países. Por outro lado e de acordo com o relatório do Banco Mundial sobre os serviços de logística em 2012, Marrocos ocupou a 50ª posição em 2012 por contraposição à 94ª posição 2007.

A actual crise económica global impele a todos nós, a formar agrupamentos regionais integrados, especialmente no sector das infra-estruturas, logística e transporte, e portanto convida todos os Países do Mediterrâneo e dos Países Árabes para melhorar e fortalecer as políticas de complementaridade.

Marrocos está a trabalhar para criar harmonia nas parcerias entre o sector público e privado na realização de projectos futuros com base nas leis de enquadramento, na experiência acumulada nesta área, bem como na estabilidade política de que disfruta o Reino de Marrocos.

Estamos convencidos de que os temas e os debates neste Fórum vão ajudar a trazer novas ideias e dar um novo impulso à cooperação frutífera entre todos os Países participantes na área das infra-estruturas e serviços.

Desejo toda a sorte e sucesso para este Fórum.

Que a paz esteja convosco.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Painel II **Cooperação no Sector das Infra-Estruturas**



Intervenção do Director Geral da Agência Nacional do Desenvolvimento e do Investimento da República Democrática e Popular da Argélia, Exmo. Senhor Dr. Djouada Khaïar

Que a paz esteja convosco, que as nossas orações e a nossa paz estejam com o profeta, o último mensageiro, e com a sua família e os seus companheiros.

Excelentíssimos Senhores,

Senhores Ministros e

Membros das delegações, Bom dia!

É uma honra receber o convite da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa (CCIAP) e esperamos que este Fórum seja uma oportunidade verdadeira para realizar os investimentos Portugueses nos Países Árabes e os investimentos Árabes em Portugal. Sem demora vou apresentar as oportunidades de investimento na Argélia.

As relações de cooperação entre a Argélia e Portugal, impulsionadas pelo ímpeto particular dos numerosos encontros oficiais ao mais alto nível estatal, são relações ricas e densas decididamente orientadas para as perspectivas futuras onde as acções concretas se traduzem no crescente aumento das trocas comerciais. Estas relações enquadram-se doravante à altura da vontade dos dois Países a longo prazo e num contexto de parceria estratégica exemplar. Esta dinâmica de relance da cooperação Argelina-Portuguesa é reforçada pela situação económica favorável na Argélia e particularmente na conjuntura actual de recessão que afecta as economias mundiais.

A Argélia está efectivamente entre os Países mais atractivos na região do Mediterrâneo graças a indicadores de performance como a situação financeira muito confortável, recursos naturais abundantes, custos dos factores de produção competitivos e uma situação estratégica junto aos mercados. Nós temos uma plataforma de investimento a uma hora e trinta de Lisboa. Se me permitem eu vou apresentar a posição geográfica da Argélia.

A Argélia encontra-se no Mediterrâneo com uma população de 37,1 milhões de habitantes, com uma superfície de 2 milhões 381 mil Km², e está entre os maiores Países do mundo sendo considerado o maior país de África em superfície. Nós temos oito mercados fronteiriços, com a Tunísia, com a Líbia, com o Níger, o Mali, a Mauritânia, o Sahara Ocidental e Marrocos. A Argélia é um país estável que goza de uma estabilidade política bem como de uma estabilidade macroeconómica. As políticas de desenvolvimento são bem definidas pelas autoridades do Estado e a aplicação do plano de impulsionamento económico, nomeadamente o desenvolvimento de infra-estruturas de base e o estabelecimento de um quadro jurídico e institucional destinado à implementação das políticas do Estado.

No que diz respeito à situação económica, a Argélia tem um excelente desempenho económico com uma taxa de crescimento de 2,6% em 2012, por contraposição a uma taxa de crescimento de 2% em 2011. Nós temos um PIB de 183 mil milhões de dólares em contraposição a 65 mil milhões de euros em 2001, as reservas de divisas da Argélia estão avaliadas em mais de 174 mil milhões de dólares.

Relativamente às importações, em 2011 a factura de importações registou 46 mil milhões de dólares. Relativamente às exportações, estas são de 73 mil milhões de dólares, em grande medida exportações de hidrocarbonetos. A dívida externa da Argélia era de 30 mil milhões de dólares em 2001, actualmente, ela é inferior a 4,5 mil milhões de dólares. A taxa de câmbio para a Argélia foi de 77 dólares em 2011 e de 74 dólares em 2012.

Agora vou-vos apresentar as vantagens comparativas. Nós temos custos de produção muito vantajosos, a título indicativo para a energia, nós temos o gás natural com um custo entre 18 e 30 cêntimos. A gasolina super tem um preço de 23 cêntimos o litro, o gasóleo de 13,7 cêntimos o litro e a electricidade tem um preço de 1,114 euros o Kilowatt em média. A Argélia é o 5º produtor e o 3º exportador de gás, é também o 3º fornecedor de gás da União Europeia e o 4º fornecedor energético total da União Europeia. Nós temos outros recursos para além do petróleo, nomeadamente os recursos mineiros tais como o fosfato, o zinco, o ferro, o ouro, o urânio, o caulino, o silício, bem como outros recursos, dos quais a energia solar. Nós temos 3.000 horas de exposição solar por ano.

No que concerne à classificação de risco, a Argélia assinou vários tratados com organizações responsáveis pelos seguros dos investidores. A Argélia, em 1999, estava posicionada no 6º lugar, por contraposição ao 3º lugar alcançado em 2012, o que, comparativamente aos Países vizinhos demonstra que este mercado teve uma evolução assinalável. No que concerne às garantias, existe a garantia da transferência do capital investido e as mais-valias que resultem da produção mediante requisição administrativa. Relativamente à assinatura de vários acordos bilaterais referentes ao investimento estrangeiro, nós assinámos 48 convenções de promoção e protecção de investimentos

e 27 acordos de não dupla tributação. A Argélia aderiu às diferentes convenções em matéria de garantia e de protecção de investimentos, o que permitiu a possibilidade de recorrer à arbitragem internacional. Há a ratificação da convenção para a resolução dos diferendos relativos ao investimento entre o Estado e nacionais contra o Estado, nomeadamente a convenção de Sendi. Procedemos também à ratificação da convenção de Nova Iorque de 1958, relativa à instituição de sentenças arbitrais internacionais. Nós temos um sistema fiscal para empresas, razoável. No que diz respeito à tributação sobre as empresas, no direito comum as empresas têm que pagar um imposto sobre o rendimento de 25%, um imposto de 25% para as actividades comerciais e um imposto de 19% para as actividades de produção. Para o imposto sobre o rendimento global há o rendimento salarial, taxa de imposição que varia segundo o rendimento e segundo o rendimento dos accionistas, tendo uma retenção na fonte de 12,5%. Há também a taxa da actividade profissional que é de 2% sobre o volume de negócio, a taxa sobre o valor acrescentado varia entre 7% e 17% e os direitos aduaneiros variam entre 0%, 15% e 30%.

As oportunidades de investimento: nós temos um programa de desenvolvimento do investimento público que é de 286 mil milhões de dólares (programa 2010-2014) com vista ao desenvolvimento humano, da educação Nacional, o ensino superior e a formação, os equipamentos sociais, as infra-estruturas de saúde e de educação, o abastecimento de água, gás e electricidade. A conclusão do desenvolvimento de infra-estruturas de base, nomeadamente a engenharia civil com mais de 40 mil milhões de dólares, onde a maior parte do investimento é para os nossos amigos Portugueses com o mercado da construção onde é necessário construir 2 milhões de habitações, e temos ainda previsto um investimento de 37 mil milhões de dólares em transportes, 7 mil milhões de dólares para o ordenamento do território e ambiente e 24 mil milhões de dólares para o melhoramento do serviço público.

Para apoiar o desenvolvimento da economia nacional o desenvolvimento agrícola e rural teve um investimento de 13 mil milhões de dólares, a promoção das PME um investimento de 2 mil milhões de dólares, o desenvolvimento industrial e construção de novas centrais eléctricas, o desenvolvimento das empresas estatais, o desenvolvimento da indústria química e petroquímica tem um investimento avaliado em 27 mil milhões de dólares. Os incentivos à criação de emprego compreendem um investimento de 4 mil milhões de dólares. O desenvolvimento da economia do saber tem um investimento de 3 mil milhões de dólares. Como sabem este é um grande mercado com necessidades importantes.

Se forem ver a evolução do volume das necessidades de importação de 2010 a 2014, o volume das necessidades de importação para o programa de investimento 2001-2004 era de 6,9 mil milhões de dólares, e atingiu os 286 mil milhões de dólares entre 2010-2014. Relativamente à evolução das importações, ela era de 9 mil milhões de dólares em 1982 e passou de 89 mil milhões de dólares

em 1999 para 46 mil milhões de dólares em 2011. Os 46 mil milhões de dólares de importações são despachados em bens de equipamento industriais, nomeadamente os fios, os transformadores eléctricos e suas partes e as barras de ferro, e em bens alimentares, tais como o trigo o açúcar.

Para o estabelecimento de parcerias, as áreas onde temos necessidade são: o sector da mecânica, das construções metálicas, do sector farmacêutico, dos equipamentos médicos, dos equipamentos eléctricos, dos produtos têxteis e da electrónica. Nós temos uma bolsa de parcerias estabelecida pela Agência Nacional de Desenvolvimento do Investimento no âmbito das disposições da lei de finanças de 2009 e referente ao partenariado estrangeiro presentes na lei 49/51. Para que esta lei não represente um constrangimento para os parceiros estrangeiros, nós desenvolvemos uma bolsa de parcerias na internet, onde os parceiros estrangeiros e nacionais se inscrevem para criar uma parceria. Nós identificamos 60 ofertas de projectos investimento em diversos sectores, nomeadamente na construção e obras públicas, no transporte, na indústria plástica, nas indústrias diversas e do agro-alimentar, na saúde, no turismo e na energia.

No que concerne aos modos de implementação há dois níveis: o nível estratégico e político e o nível operacional.

Ao nível estratégico nós temos o Conselho Nacional de Investimento presidido pelo Sr. Primeiro-Ministro e que é composto por vários Ministros encarregados pelo investimento, nomeadamente nós temos o Ministro da Indústria, da PME e da promoção do investimento e nós temos também o Ministério sectorial.

Ao nível operacional nós temos a Agência Nacional para o Desenvolvimento do Investimento (ANDI), nós temos as Agências Nacionais de desenvolvimento sectorial, tais como a Agência Nacional de desenvolvimento das PME, a Agência para a exportação e temos a Agência responsável pela propriedade predial e temos ainda a Agência responsável pelo desenvolvimento do turismo a CALPIDEF que é presidida pelos *Wali*, e temos também a ANIEF.

Nós temos incentivos às actividades de produção bens e de serviços, uma elegibilidade de medidas de apoio alargado a todo o tipo de investimento para a criação, reestruturação, reabilitação, extensão, a privatização parcial ou total quando se trata de acompanhar o investimento. Nós temos regimes gerais para o investimento corrente na produção de bens e serviços e temos regimes derogatórios, temos investimentos de interesse nacional pela convenção de investimento e investimentos que necessitam duma contribuição particular do Estado.

Nós temos também isenções fiscais e parafiscais, nomeadamente na fase da realização temos a isenção dos direitos aduaneiros, do I.V.A, das taxas de registo e publicidade predial para os actos de venda ou concessão de terrenos, direitos de registo dos actos de aumento de capital. Então para o regime geral nós temos 3 anos com a possibilidade de prolongação. O regime das zonas é de 3

anos com possibilidade de prolongação e para o regime da convenção nós temos até 5 anos. No que diz respeito à fase de exploração dos projectos, nomeadamente a isenção o imposto sobre os lucros, o I.V.A, de actividade profissional, de registo e a publicidade predial e a taxa predial. No regime geral podem obter isenções até 5 anos se criarem mais de 100 postos de trabalho. No regime das zonas as isenções podem ir até 10 anos e para o regime de convenção podem ir também até 10 anos. Nós temos uma rentabilidade rápida dos projectos, então, no que concerne às fábricas de tijolos a taxa de rentabilidade interna é de 33% e a duração da recuperação do investimento é de 4 anos. Se virem a produção farmacêutica a taxa de rentabilidade é de 34% e o período de recuperação de 4 anos.

Para a ajuda financeira e para o financiamento há o capital proveniente das sociedades de *leasing*, de fundos de investimento que participam em cerca de 34% nos grandes projectos. Os fundos das *Wilaya* têm uma participação até 49% no capital das PME, e há a possibilidade de recurso a instituições de garantias financeiras tais como o fundo de garantia e a caixa de garantia de crédito ao investimento Há concessões de terrenos pelo *Wali no âmbito da emissão e da atribuição do "calcule f"*. Verifica-se a redução do preço da taxa de aluguer sobre o valor imobiliário. Há também concessões de terrenos no sul e nos planaltos a 1 Dinar o m² durante 10 ou 15 anos. Após 15 anos detém 50% do valor do terreno. No que concerne às perspectivas, há a reabilitação do desenvolvimento das zonas de actividade económica com uma dotação orçamental de 15 mil milhões de dinares em 2011, com a criação de 42 novas zonas industriais ao longo do país com mais de 900 hectares. A escolha do parceiro associado pelo investidor faz-se através do estabelecimento do pré-estatuto. Uma vez que os estatutos estão finalizados, ele regista a sua declaração de investimento junto da Agência Nacional para o Desenvolvimento do Investimento (ANDI) e do Conselho Nacional do Investimento. Uma vez que o projecto é aprovado pelo Conselho Nacional do investimento, dirige-se ao serviço de impostos territorialmente competente que faz o registo de comércio.

Pra concluir, a Argélia quer projectos coerentes com a estratégia de desenvolvimento sectorial e territorial do país, através da transferência de tecnologia e saber, em substituição à importação, abertura aos novos mercados e efeitos positivos sobre a balança de pagamentos. Para o parceiro Português ou Árabe, é um mercado que oferece um potencial importante, recursos humanos e naturais a custos competitivos, e um dispositivo encorajamento e acompanhamento com medidas incentivadoras. Nós queremos parcerias equilibradas "*Win-Win*".

Então, para concluir, a Argélia tem um ambiente favorável, tem oportunidades de investimento, políticas de desenvolvimento, factores de produção muito competitivos e recursos abundantes. Para aqueles que vêem a Argélia longe, ela está bem próxima!

Obrigado pela vossa atenção.

Painel II Cooperação no Sector das Infra-Estruturas



Intervenção do Presidente & CEO da CBE, Exmo. Senhor Eng. Carlos Barroqueiro.

Bom dia a todos.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Câmara de Comercio e Indústria Árabe- Portuguesa pelo convite para estar aqui e dar também os parabéns pela organização do Primeiro Fórum Económico.

A minha apresentação, por uma questão de coerência está em inglês e portanto farei a apresentação em inglês.

A CBE é uma empresa que na sua maioria trabalha no sector das telecomunicações. Poderia falar da empresa na sua totalidade, mas a parte mais importante do que fazemos é fibra óptica. Daí toda a minha apresentação será focada na nossa experiência em *Fiber to the Home*, que é uma área bastante técnica, na fibra óptica, e nesta área nós somos bastante bons.

A minha apresentação vai ser focada na história da CBE e no história sucesso em Portugal da *Fiber to the Home*.

A CBE é uma empresa líder no país e uma marca de referência internacional em soluções integradas para fibra de rede, *Fiber to the Home*, rede móvel 2G, 3G, 4G. A CBE é igualmente um *partner* importante para todos os operadores de telecomunicações em Portugal e de fibra ópticas sendo que na móvel também, e temos uma visão: desde o início acreditamos que a *Fiber to the Home* é a única tecnologia comprovada para o futuro, e essa visão converge com a visão para Portugal, que veremos em slides posteriores.

Áreas de actividade: temos 3 áreas principais na empresa: Inspeção, Design e Consultoria, que é a parte de engenharia do trabalho.

A Construção e Instalação são as áreas de execução no terreno. Depois temos a Operação de redes e a Manutenção.

Só um pequeno detalhe: quando olhamos para o nosso logo e vemos que temos 15 anos. Para uma empresa ter 15 anos, onde 96% das empresas não passam dos 10, é já um grande sucesso. O outro logo que vêm é o logo da maior e mais importante organização de fibra óptica no Mundo que é a *Fiber to the Home Council Europe*, e somos membros desta organização com sede em Bruxelas.

Inspeção, Design e Consultoria

Temos uma equipa de engenheiros altamente qualificados e especializada em *Fiber to the Home*, *FTTH*, e estiveram activamente envolvidos em todos os 5 projectos de FDTH para os diferentes operadores de telecomunicações em Portugal.

As áreas de experiência são: o Planeamento e Consultoria, Inspeção, Design e Cálculo, Desenvolvimento de *Software* e aplicações, *Outsourcing* e Gestão de projectos.

Segunda área: Construção e Instalação

A CBE tem uma vasta experiência na área da construção e instalação de redes de fibra, incluindo a *Fiber to the Home* desde 2008. Esta tecnologia não é uma tecnologia de 20 anos, tem 10 anos, e está a crescer todos os anos.

As áreas de experiência são: Implementação de redes (soluções completas Chave na Mão), Fusão de redes, Redes de *Go Live*, como também fazemos a selecção de materiais e equipamentos.

Logo elaboramos a solução *Turn-key* completa, integrando as redes igualmente.

Operação de redes e Manutenção, que chamamos *O&M*.

A CBE tem competências únicas como integrador: tecnologia e infra-estruturas, sendo que vários operadores de telecomunicações seleccionam a CBE para garantir os seus serviços de operação e manutenção de redes, que é altamente qualificado sendo um campo bastante especializado.

As áreas de experiência são: Manutenção preventiva e correctiva de *FTTH*, Integração de equipamentos, Testes de desempenho de *OLT's* e Monitorização de rede.

Somos a única empresa que fez com sucesso 5 implementações de *Fiber to the Home* em Portugal, com 5 operadores de telecomunicações distintos, com 5 arquitecturas de rede diferentes, não sendo fácil ser seleccionado em 5, não só em Portugal mas no Mundo todo.

Historial:

- Inspeção e Design, fizemos para os 5 operadores cerca de 650 mil casas. Não foram 1 milhão, mais sim mais de meio milhão com certeza.

- Construção e projectos construídos, cerca de 400 mil casas, que significam muitas construções de redes.

Para o ano de 2013 temos novos investimentos a acontecerem em Portugal, sendo que os mais importantes são dois:

- A Vodafone: Novo investimento em 600 mil casas, a CBE foi seleccionada para participar nesta implementação.

- *DSTelecom*: Implementação rural de redes FTTH, com um valor igual de 600 mil. A CBE foi igualmente seleccionada para participar nesta implementação.

Porquê? Porque temos uma visão que começou há muitos anos atrás. Consideramos que é a única tecnologia comprovada para o futuro, é a nossa visão e a de milhares e milhões de pessoas.

Existe uma grande discussão entre as redes tradicionais e as redes de fibra, mas no entanto acreditamos que a FTTH, é a única tecnologia comprovada para o futuro onde todos os anos os índices aumentam.

Vejamos de seguida os dados do mercado Português (actualizados em Dezembro 2012):

- FTTH Casas/Construções: de 2 milhões e 150 mil

- Subscritores: Cerca de 420 mil

- Penetração: que será as Casas/Construções *versus* os Subscritores, 20%

O resultado total de investimento de *FTTH* em 2012 mostra que Portugal se sobressaiu na Europa, chegando ao Top 10, segundo resultados da *IDATE*.

Quanto ao panorama Europeu de *FTTH* oficial, o ranking Europeu mostra que Portugal situa-se no TOP 10, entre 22 Países. Estamos à frente de economias como a Itália, Espanha, França, Finlândia, Holanda sendo que neste ranking a Inglaterra e a Alemanha estão de fora, estamos à frente de grandes empresas e de grandes Países.

Estamos no top 10 igualmente na cobertura de *FTTH* no país, com 53% de território coberto com *FTTH*. Existem assim só 9 Países que estão à nossa frente, se contarmos com Andorra que é bastante pequeno.

Portugal é uma referência, um sucesso, um “caso” debatido em todas as conferências internacionais. O caso Português da Fibra é bastante importante a nível mundial.

No que respeita à CBE como membro do *FTTH Council Europe*, fui Presidente do grupo de Lisboa em 2009 e 2010 e fui responsável por ter organizado a maior conferência de fibra em Portugal,

onde trouxe muitas pessoas a Portugal em Fevereiro de 2010, sendo que um mês antes, em Janeiro, Portugal entrou na *FTTH Global Ranking*. A conferência foi um sucesso e tivemos milhares de notícias desde a BBC, CNN, a falarem sobre Portugal e do nosso caso, e ainda hoje Portugal é falado pelo seu caso de sucesso, no Mundo todo.

Em Março de 2013 fui eleito membro do conselho do *FTTH Council Europe*, com sede em Bruxelas, e fui também eleito membro do conselho do *World Council FCGA*, (*FTTH Global Alliance Group*), que abarca os 5 conselhos regionais:

Conselho da Ásia e Pacífico, Conselho da Europa, Conselho das Américas, e Conselho da região MENA. Utilizo o meu cargo como membro do conselho para impulsionar Portugal, em todas as nossas conferências, que são bastante grandes, existem oradores Portugueses, falamos sobre Portugal, pois somos realmente um caso notável para o Conselho, não só na Europa, América, Médio Oriente, em África.

Quanto aos eventos internacionais participamos no *FUTURECOM* Brasil 2012, como patrocinadores no maior evento de telecomunicações em *LATAM*, com cerca de 12.000 Participantes, 48 Países, 300 expositores e quase 300 oradores. Também em Londres, no *FTTH Conference 2013*, participamos como *GOLD Member*, com cerca de 3.000 Participantes, 90 Países, 113 expositores, 120 jornalistas, sendo que estamos a investir bastante em áreas internacionais, com o meu staff que chegou há 3 dias atrás da Arábia Saudita, viajamos bastante para fora de Portugal, sendo que a internacionalização é um dos nossos objectivos, nunca esquecendo Portugal.

Muito obrigado!

Painel III **Cooperação no Sector das Energias**



Intervenção de Sua Excelência o Secretário de Estado da Energias de Portugal. Exmo. Senhor Dr. Artur Trindade

Sr. Presidente da Câmara de Comércio Árabe-Portuguesa,

Senhores representantes das Câmaras de Comércio dos Países Árabes,

Senhores membros do corpo Diplomático,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com muito gosto que participo uma vez mais neste Fórum, nestes Fóruns realizados pela Câmara de Comércio, e sobre a temática que nos traz hoje aqui, e que tem a ver com a cooperação que podemos desenvolver no campo da energia. Penso que é um tema da maior importância e da maior centralidade para a cooperação entre Portugal e os Países Árabes.

Com efeito, eu próprio tenho-me deslocado à região nos últimos meses, onde tenho desenvolvido contactos com responsáveis políticos destes Países e tenho notado que o interesse na cooperação é muito, e é crescente.

Estava hoje também de manhã num Fórum relacionado com a energia, no âmbito da CPLP, e um dos temas que se discutia era a descoberta de significativas reservas de petróleo e gás, nos Países da CPLP. Essas descobertas são das maiores descobertas que temos vindo a encontrar no Mundo nos últimos anos e, gerou-se um debate muito interessante que acho que é uma porta de entrada daquilo que queria partilhar convosco ainda hoje.

De facto, estes Países têm estado a encontrar riquezas ao nível dos hidrocarbonetos que são significativas, e que irão constituir uma fonte de rendimento para o futuro, destas economias, e Portugal é também uma das economias que faz parte da CPLP onde se perspectiva a exploração de petróleo e gás, a breve prazo.

Só que, tal como nos Países Árabes, o facto de se encontrar estas riquezas em nada deve prejudicar a prossecução de outros objectivos no âmbito da política energética, que não são

antagónicos ao desenvolvimento desta riqueza, mas são sim complementares numa perspectiva de mercado mundial da energia. Ou seja, o facto de se estarem a descobrir mais reservas de energia no planeta, não altera o facto da equação fundamental dos custos com a energia primária ser uma equação que leva a que o custo a médio longo prazo seja crescente.

Por outro lado, sabemos também, que as preocupações ambientais a nível Nacional, europeu e internacional, nos posicionam no sentido de considerar que devemos tomar medidas de protecção do impacto que a utilização da energia de fontes fósseis pode ter sobre os aspectos de alterações climáticas. Esta agenda apesar de ter sido alterada em intensidade nos últimos anos, últimos meses, mantém-se, e é relevante.

Por outro lado os Países ocidentais estão-se a transformar, tal como Portugal em termos de paradigma, em Países meramente importadores de energia primária de origem fóssil em Países parcialmente ou totalmente produtores de energia primária de origem fóssil.

Tais alterações não nos devem, contudo, desviar de objectivos fundamentais que fazem sentido, de *per si*, e que têm importância para o desenvolvimento económico de forma sustentável e equilibrada das diferentes economias, ou seja, o tema que aqui nos traz e que está relacionado com a eficiência energética e com a energia renovável, é um tema suficientemente relevante e com uma equação económica suficientemente sólida, para não ser afectado por esta realidade da descoberta de fontes adicionais de energia fóssil pelo planeta, ou seja, o facto de haver uma menor escassez relativa de energia primária no planeta, ou uma maior riqueza relacionada com a exploração de energia primária em alguns Países que anteriormente não detinham essa fonte de riqueza, não altera a relevância de ser fundamental para uma economia que queira ser competitiva, apostar na eficiência energética.

A eficiência energética é fundamental, não só para uma questão de eficiência económica, porque a eficiência na utilização de energia é também uma eficiência nos processos produtivos, nos processos de consumo, e na forma de utilização do rendimento, e faz sentido independentemente da forma com que evoluem os detalhes do equilíbrio entre a oferta e a procura a nível de produtos relacionados com petróleo. Portanto é um objectivo de uma economia que queira competir, deve prosseguir, para benefício das suas empresas, dos seus cidadãos do estado e até das próprias contas públicas.

E, em Portugal nós seguimos essa agenda nos últimos anos com empenho e com o mérito reconhecido por outros Países do Mundo, aliás na União Europeia Portugal é reconhecido como um dos Países que mais investiu neste tipo de tecnologias neste tipo de processos, e a nossa performance em termos de eficiência energética é de facto uma performance invejável. Portugal tem de facto conseguido alterar padrões de consumo, melhorar processos ao nível de utilização de

energia e isso é um sucesso e um reconhecimento que deve ser partilhado e que faz sentido partilhar numa óptica de cooperação económica e empresarial e também institucional, e ao nível de formação profissional com os parceiros económicos, designadamente os Países Árabes que são objecto em termos de cooperação nesta nossa conferência.

Devo dizer também que quando se trata de eficiência energética os ganhos que se obtêm, quando o ponto de partida é o ponto de partida ainda pouco evoluído, são enormes, porque nesta questão de eficiência energética, quando há Países ou realidades económicas que não iniciaram a incorporação deste tipo de fenómenos tecnológicos nos seus processos produtivos, quando se iniciam os primeiros ganhos que são fantásticos, obviamente os ganhos depois diminuem à medida que se vão sendo implementadas algumas melhorias de eficiência.

E portanto, mais uma vez aqui, a utilização de tecnologias mais eficientes na utilização de energia, e de eficiência energética em geral, considerando de forma abrangente o consumo de energia, é um aspecto que traz vantagens às economias que as praticam, e Portugal tem nesta janela de cooperação uma mais-valia do ponto de vista empresarial a contribuir no âmbito do seu relacionamento com estes Países.

Portanto estímulo que os empresários aqui presentes, e que os autores económicos, políticos, e também ao nível das instituições governamentais dos nossos Países, possam explorar esta oportunidade e este desafio, que é a melhoria da eficiência energética com ganhos evidentes. Estes ganhos que estou a falar são ganhos económicos para alguns Países como Portugal. Existem outros ganhos como ao nível da segurança de abastecimento, ou seja a diminuição na utilização de energia que produz esse ganho adicional e também para o planeta, ganhos ao nível da sustentabilidade ambiental, uma vez que consumimos menos energia com a performance ambiental das nossas economias, dos nossos sistemas energéticos, esta aumenta consecutivamente.

Outro tema daquilo que vos estava a falar há pouco, é o tema das energias renováveis e é importante aqui posicionar as energias renováveis, aquilo que o Governo Português considera o novo paradigma das energias renováveis. Nós tivemos até há pouco tempo na Europa e noutros Países do Mundo uma concepção das energias renováveis, em que as energias renováveis apenas existiriam porque tinham um benefício ambiental, ou seja, as energias renováveis eram promovidas e subsidiadas pelos diversos Países, designadamente Países da União Europeia que eram fundamentalmente importadores de energia primária, eram fomentadas, eram apoiadas e subsidiadas. Não como uma lógica económica eficiente, mas apenas como uma lógica de contribuir para uma diminuição do peso em termos de sustentabilidade ambiental, do consumo de energia. Essa fase foi uma fase que durou algumas décadas e que eu penso que está hoje em processo de mudança de paradigma porque é possível, e nós vemos isso no Brasil, hoje que com determinadas

condições de transacção comercial, que a energia renovável seja mais barata do que a energia a partir combustíveis fósseis.

Devo-vos lembrar que o Brasil no sistema de transacção de energia que é organizado pelos autores Brasileiros e Governo Brasileiro, não é um sistema de troca de energia ao dia, ou seja, o preço da energia não é determinado pela oferta e a procura de energia que se prevê para esse dia, para as diferentes horas desse dia. O preço da energia é determinado através de um sistema de mercado de leilões que é implementado por um prazo largo 15, 20, 10 anos, um prazo largo de anos.

Ora existe uma lógica invertível de leilão Holandês. Esse sistema de leilão, que nós também já tivemos em Portugal com algumas *nuances* em 2006, e que existe noutros Países da Europa como por exemplo em Itália, mas esse sistema de leilão que é muito utilizado no Brasil e que é organizado em grande escala pelo Governo Brasileiro, põe também em comparação diferentes tecnologias e formas de produção de energia, sem qualquer subsídio. Ora aquilo que se verifica, é que a energia renovável e designadamente a energia de origem hídrica, energia de origem eólica, ganha sempre esses leilões, e a forma de produzir electricidade a partir de gás natural não consegue ganhar os leilões. Isto independentemente do Brasil ser também um país com reservas de gás natural. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que o custo elevado médio da tecnologia eólica e da tecnologia da electricidade produzida através de origem hídrica, é com um prazo de tempo suficientemente longo e mais baixo que o custo de produção de energia de origem térmica, designadamente o gás natural sendo que esta equação obviamente varia e depende do custo da *commodity*, que é o gás natural, e depende também do custo de segurar essa *commodity* a um determinado valor por um período longo de tempo. Porque parte do custo de geração de energia eléctrica, é através dessas tecnologias, é muito mais variável e depende então da energia primária do que nas outras formas, não depende do custo operacional, depende essencialmente do custo de capital e de investimento na turbina eólica, no gerador e na barragem que produz electricidade.

Leva-nos para um paradigma onde mesmo sem qualquer prémio ou imposto relacionado com o CO₂ utilizando apenas a equação fundamental dos custos das tecnologias, é possível hoje ver formas de transacção de electricidade onde se perspectivam um custo mais baixo da energia renovável do que da energia chamada convencional, e isso tem de ser obviamente incorporado no processo de decisão dos Países que fazem o seu planeamento de energia, que perspectivam a imputação das energias renováveis. E é aqui que o Governo Português também se posiciona na sua política energética, onde diz que as energias renováveis são de facto algo que o país tem de mostrar e que está comprometido a investir cada vez mais nas energias renováveis a um custo nivelado cada vez mais baixo e cada vez mais competitivo com sistemas alternativos de produção de energia. É evidente que para se avançar nesta direcção partir de um determinado ponto é preciso prever uma coordenação com outros aspectos da política energética, designadamente é

preciso que haja escala, e aí mais uma vez o Brasil dá cartas, tal como disse o meu colega Brasileiro da agência internacional de energia, que apresentou este modelo, o Brasil quando põe no mapa da sua rede, e se a transpusesse em termos de mapa para a Europa ela começaria em Lisboa e acabaria em Moscovo. Esta dimensão dos mercados energéticos fragmentados na União Europeia, e a esta dimensão, atrevo-me a dizer que alguns Países Árabes não o têm, mas deviam ter, pois se tivessem teriam ganhos de escala e benefício dos custos que são passados para as empresas e para os consumidores. Portanto é também uma nota importante para tirar aproveitamento pleno daquelas que são as vantagens deste tipo de tecnologias.

Também acontece que para que se promova a utilização total dos benefícios deste tipo de sistemas renováveis é importante prever uma lógica de interacção com a eficiência energética. Como sabem aquilo que caracteriza uma boa parte dos sistemas de energia renovável é o facto dessa energia renovável não ser transferível, não é desmanchável quer dizer que nós não podemos decidir quando é que vamos gerar essa energia, quem decide isso muitas vezes são os elementos exógenos ao processo de gestão desses centros electroprodutores como o sol, vento ou água. Isso leva-nos para uma situação em que, ou é necessário acumular energia ou é também vantajoso utilizar a procura, o consumo de energia de uma forma mais inteligente, daí ser muito relevante a combinação de sistemas de eficiência energética que fomentam uma utilização mais flexível e inteligente da energia. Porquê? Permitem adaptar um pouco o consumo e a resposta da procura à produção de forma dinâmica de acordo a instrumentos de mercado e é aquilo que nós acreditamos em Portugal.

Ora daí os temas estarem também relacionados, estes dois temas, estarem também relacionados àqueles temas que pediram para eu falar.

Aquilo que eu gostaria de dizer também sobre esta matéria é que em termos de utilização de energias renováveis do sistema eléctrico Nacional, Portugal tem hoje uma história muito interessante para contar. Temos várias horas do ano, ou vários dias do ano onde a penetração de energias renováveis na nossa rede é superior ao consumo, não temos apagões por causa disso, não temos desequilíbrios na rede por causa disso não temos perturbações nas indústrias por causa disso, ou seja, do ponto de vista tecnológico as soluções que a regulamentação Portuguesa a legislação Portuguesa, os operadores de rede transporte, distribuição, os comercializadores e os produtores adoptaram com tecnologia e engenharia em muitos casos de origem Nacional, é algo que nos faz poder mostrar ao Mundo, de que do ponto de vista tecnológico há soluções que funcionam e que nós nem sequer sabemos que estão a ser implementadas quando utilizamos energia eléctrica em Portugal ou seja, do ponto de vista de utilização técnica dos sistemas eléctricos, Portugal tem uma história relevante para contar e nós, Governo acredita que as empresas Portuguesas devem utilizar isso na sua cooperação empresarial com diferentes áreas do

mundo designadamente aqui na área dos Países Árabes, uma vez que é algo que pode ser relevante para futuras trocas comerciais.

Por último queria apenas reiterar que o Governo Português através dos organismos como a AICEP, organismos do Ministério da Economia, do IAPMEI, dos Gabinetes Ministeriais, das Direcções Gerais está disponível para ajudar as empresas Portuguesas e as empresas dos Países Árabes que desejem proceder a um aprofundamento da cooperação empresarial entre os nossos Países criando riqueza, fomentando o crescimento e criando emprego para a nossa economia.

Muito obrigado.

Painel III **Cooperação no Sector das Energias**



Intervenção do Vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Omão, Exmo. Senhor Dr. Ayman Bin Abdullah Al-Hasani

Em nome de Allah, O misericordioso, O clemente

Senhor Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe Portuguesa (CCIAP), Senhor Eng. e Secretário-Geral,

Irmãos Presidentes das Câmaras Árabes.

Sinto-me honrado em nome de outros membros da delegação da Câmara de Comércio e Indústria de Omão em estar presente neste Fórum, que dá seguimento aos 35 anos de cooperação entre Portugal e os Países Árabes, que resultou em parcerias entre os nossos Países em diversos sectores económicos.

Constatamos que as relações entre Portugal e Omão estão enraizadas na história. Desde 1507 que tem havido relações entre Portugal e Omão e continuam a prosperar até hoje. Os Portugueses começaram a conhecer o povo de Omão desde a chegada da frota portuguesa a Omão no Séc. XVI e com a passagem dos anos resultaram deste contacto relações económicas que geram benefícios para ambas as partes.

Muitos documentos históricos confirmam as mudanças geopolíticas entre o Oriente e o Ocidente através das relações entre Portugal e Omão.

Assim, a rota da seda representou um elo de comunicação entre o Oriente e o Ocidente, entre o continente Ocidental e Asiático, mas no Séc. XV, o Cabo da Boa Esperança tornou-se uma das mais importantes vias de ligação entre a Ásia e a Europa.

Senhoras e Senhores,

O Sultanato de Omão na era actual de Renascimento liderada por Sua Majestade o Sultão Qabuz Bin Said está empenhado em desenvolver relações com todos os Países do mundo, de diversas formas e meios. A balança comercial entre os dois Países confirma a existência de uma boa cooperação económica. Assim, em 2012, as estatísticas indicaram que as principais exportações de

Omão para Portugal foram o plástico, os produtos químicos e industriais, que atingiram um valor total em 2012 de 43,48 milhões de dólares. Quanto às importações de Portugal, atingiram em 2010 cerca de 37,23 milhões de dólares. Essas importações incluíam equipamentos de transporte, metais e seus derivados, obras de pedra, gesso, cimento, amianto, vidro e cerâmica.

Senhoras e Senhores,

A exploração de petróleo em Omão iniciou-se na terceira década do século passado, quando o Governo, em 1925, concedeu a primeira licença de exploração de petróleo no Sultanato à empresa “*Darsi exploração*”. A descoberta de petróleo no Sultanato aconteceu em 1956 quando a sociedade “*City Services*” perfurou o primeiro poço “*Marmul Primeiro*” em 1962. Os trabalhos de prospecção e exploração realizados pela companhia “*Petroleum Development Oman*” foram coroados com a descoberta de petróleo no campo de *Jibel*, seguindo-se novas descobertas que têm sido feitas em *Nati e Fahud* em 1963 e 1964 respectivamente.

Em 1967 foi exportada a 1ª carga de petróleo de Omão após a construção de um *pipeline* de 270Km até ao porto Al Fahl.

A companhia *Petroleum Development Oman* continuou os trabalhos de exploração intensiva, o que levou à descoberta de mais campos de petróleo. Assim em 1968 foi descoberto o campo de *Al Khuwir*, e em 1969 o campo de *Al Huwissa*. Outros campos foram descobertos em 1972 para além dos campos *Mama* e *Sihrul* em 1973. Como resultado desses sucessos o Governo assinou dois contratos para a exploração de petróleo e gás em 1973 e também em 1975 com uma série de empresas petrolíferas internacionais. No final de 2009 existiam cerca de 135 campos de produção de petróleo.

Até ao final de 2009 existiam 22 empresas a operar no Sultanato nas áreas de exploração e produção de petróleo e gás, e 33 empresas na área de prospecção, tentando através das suas diversas actividades explorar da melhor forma os recursos locais e oferecer oportunidades de emprego para a juventude de Omão e contribuir para o desenvolvimento das comunidades locais. A produção média diária de óleo bruto e óleo condensado do Sultanato atingiu em 2009 cerca de 812,5 mil barris por dia, em comparação com os 300 mil barris por dia em 1972. Actualmente estão a ser envidados esforços para aumentar os níveis da produção actual de petróleo e dos derivados condensados através de projectos implementados que aplicam técnicas e métodos de recuperação avançada de petróleo em vários campos, e que esperamos que possam contribuir para o aumento da produção nos próximos anos. Actualmente, são duas as empresas produtoras de óleo bruto e condensado, nomeadamente a empresa *Petroleum Development Oman* e a empresa *Occidental Oman*. As companhias Ocidentais *Mokhisma*, *Dalil Petroleum* e *Petrogas* produzem apenas petróleo bruto, enquanto as empresas *Rak Petroleum* e *BTTAB Oman* produzem óleo condensado.

Após a descoberta de petróleo em quantidades comerciais suficientes surgiu a necessidade de estabelecer uma indústria do petróleo para cobrir as necessidades do mercado Nacional relativamente aos derivados de petróleo. Uma indústria que tem testemunhado um crescimento significativo como resultado do desenvolvimento geral do Sultanato de Omão. E para este fim foi criada a primeira companhia de refinação do país, no porto de *Al Fahl*, tendo sido inaugurada em 1982 sob o Patrocínio de sua Majestade o Sultão *Qabuz Bin Said*, anunciando assim uma nova era na indústria de refinação de petróleo no Sultanato. A refinaria, desde a sua criação em 1982, desempenhou um papel de destaque na satisfação das necessidades do Sultanato de diferentes tipos de produtos petrolíferos, nomeadamente o combustível normal e super, o *diesel*, o gás liquefeito de petróleo e o querosene de aviação. A refinaria foi projectada para produzir inicialmente 50 mil barris/dia. Em 2007 a capacidade de refinação aumentou para 106 mil barris/dia com o propósito de satisfazer às exigências do desenvolvimento.

A companhia de refinação *Sohar* iniciou a sua operação comercial em 2006 com uma capacidade operacional de 116 mil barris/dia, uma parte da produção da refinaria é para satisfazer a procura doméstica enquanto o restante é exportado.

O gás natural é um importante pilar da estrutura económica do Sultanato, e para isso o Governo tem incentivado as empresas petrolíferas que operam no Sultanato a explorarem mais campos de gás. Assim, em 1978 foi descoberto gás no campo de *Jibal/Nati*. A companhia *Petroleum Development Oman* desenvolveu os esforços necessários para iniciar a prospecção de gás sob a autorização do Governo, tendo culminado com grandes descobertas, nomeadamente o campo de *Sih Nahida* em 1989, e o campo de *Sih Rol Ibac* em 1991. Estas descobertas tiveram um efeito positivo na resposta à procura interna de gás natural da época, especialmente no sector de produção de electricidade e de dessalinização da água. Tiveram também um efeito positivo sobre as pequenas empresas estabelecidas em diferentes áreas industriais.

A descoberta de gás em grandes quantidades que superam as necessidades do Sultanato levaram o Governo a considerar o estabelecimento de grandes projectos que usam este gás e proporcionam uma fonte renda para o Sultanato, o que levou à criação da companhia de gás natural de Omão, cuja capacidade de produção atingiu 6,6 milhões de toneladas por ano. Esta capacidade ascendeu a 10 milhões de toneladas através do estabelecimento da companhia de gás natural liquefeito *Qalhat*. Em 2009 as exportações de gás liquefeito do Sultanato atingiram 8,8 milhões de toneladas, que foram exportadas através de 135 cargas para a Coreia do Sul, Japão, China e Índia.

A elevada procura de gás natural confirmou-se após o surgimento das novas indústrias petroquímica e de alumínio, baseadas na zona industrial *Sahar*, o que levou o Governo, representado pelo Ministério do Petróleo e Gás a intensificar os seus esforços e incentivar as empresas de petróleo internacionais a investirem na exploração e produção de gás natural. Estes

esforços culminaram na assinatura de um acordo com a companhia *BG Oman* em 2006 para a exploração de gás natural na zona *Abu Tubul*, no quadro nº 60. Depois disto, a companhia de petróleo britânica *BP* assinou um contrato em 2007 para desenvolver os campos de *Razan* e *Macarim* que tinham sido descobertos em 1993 na região central. Actualmente estão quatro empresas a produzir gás natural liquefeito em Omão, nomeadamente as empresas *Petroleum Development Oman*, *Occidental Oman*, *Rak Petroleum* e *BTTAB Oman*. Foram também construídos oleodutos e fábricas para a produção e transporte de gás natural. A empresa *Oman Gas Company* foi fundada em 2001 para a operação e manutenção de uma rede de abastecimento de gás em todas as regiões do Sultanato. Esta companhia tem realizado vários projectos importantes que incluem o projecto do gasoduto de *Fahoud* até *Sahar* com uma capacidade de 12 polegadas e um comprimento de 300km e, o projecto do gasoduto de *Sihrol* até *Salala* com uma capacidade de 24 polegadas e um comprimento de cerca de 700km, bem como o projecto do gasoduto até à fronteira com os Emirados Árabes Unidos com uma capacidade de 24 polegadas e um comprimento de 45km, além da criação de muitas estações de redução de pressão de gás em *Salala*, *Sahar* e *Barka*. A empresa está actualmente a trabalhar sobre o processo de uma grande expansão nas instalações de transporte de gás e o estabelecimento de outras estações para reduzir a pressão do gás.

Senhoras e Senhores, peço desculpas por a minha intervenção ser prolongada, peço desculpa também por me ter limitado só a um sector na minha intervenção. Este sector que é a fonte mais importante de renda Nacional para o Sultanato de Omão, mas isso não exclui a presença de sectores promissores em outras áreas, também promissoras, nomeadamente o turismo, que o Estado se esforça em promover e atrair investimento para dotar o país de um sector turístico viável que reforça a economia do país.

Obrigado pela vossa atenção e a paz esteja convosco.

Painel III **Cooperação no Sector das Energias**



Intervenção do Presidente Executivo do Conselho de Administração da empresa Electricidade de Portugal (EDP), Exmo. Senhor Dr. António Mexia.

*Senhor Secretário de Estado,
Senhor Presidente da CCIAP,
Representantes das Embaixadas,
Governos, e em especial às Delegações.*

A primeira coisa que eu gostaria de partilhar com vocês é o facto de haver áreas de cooperação óbvias e menos óbvias quando falamos de energia e quando estamos diante de alguém como a CCIAP.

E antes disto, antes de falar de coisas óbvias e menos óbvias, o que eu gostaria de mencionar é o facto de ter sido um grande prazer patrocinar este evento, porque acreditamos que temos o dever e a oportunidade de ajudar este tipo de contributos, ajudar na troca de informação e conhecimento que é crítica para o desenvolvimento das relações entre este grupo de Países.

No que diz respeito à EDP, eu gostaria de expressar que a nossa estrutura accionista hoje já demonstra a importância da relação estratégica que temos com os Países Árabes.

Agora na estrutura accionista da empresa já temos a empresa argelina *Sonatrach*, que tem mais de 3% do capital, nós temos a *IPIC* de Abu Dhabi com mais de 4%, temos a *Qatar Holding* também com mais de 2%. Eu penso por exemplo que a relação que criámos com a *Sonatrach*, num momento que esta relação não existia com outros Países Europeus, mostra o nosso reconhecimento, a nossa consciência de que fazemos melhor em conjunto do que sozinhos ou em separado.

O trabalho ao longo da cadeia de valor nas diferentes fases da energia faz muito sentido entre o nosso país e os Países da região Árabe, essa é a primeira. Então, nós temos sido coerentes com a importância estratégica dessa relação directa.

O que é que esta relação significa também? Também é muito bom ter accionistas, e especialmente accionistas que partilham da nossa visão e que apoiam o nosso crescimento, mas esta ajuda também abre claramente oportunidades em novos mercados, e este é o segundo passo.

Claramente podemos trabalhar em conjunto em mercados onde eventualmente as empresas ou os investidores financeiros não estão expostos e onde podemos fazer coisas em conjunto, e isto é o menos óbvio. Por isso quando falamos sobre petróleo e gás estamos com certeza a falar das mais óbvias relações que podem surgir quando estamos a falar das relações entre Portugal e dos Países Árabes.

O que eu gostaria de partilhar é que hoje a acção para substituir a produção local com energias renováveis nestes Países é crítica. O facto de vermos os projectos mais ambiciosos do Mundo, nas energias renováveis, em Países que são muito ricos em combustíveis fósseis demonstra que há uma visão estratégica com a qual concordamos plenamente, visão que partilhamos por estarmos claramente a falar de substituir o uso local duma energia, que obviamente tem um preço internacional, para usar outros recursos como o sol e o vento que são muito importantes. Este deslocamento cria valor não só para o país que está a fazer o deslocamento, mas também faz sentido em termos de mercado internacional, pois cria valor para toda a gente.

Isto está também relacionado com o forte desenvolvimento de *clusters* locais, de empresas locais, de novas capacidades no desenvolvimento de novas tecnologias, e também em sectores onde o emprego, a gestão, o capital, têm um poder relativo no desenvolvimento desses projectos.

Por isso, a nova perspectiva que eu gostaria de partilhar sobre as energias renováveis que também faz sentido partilhar convosco, é porque actualmente somos a 3ª maior empresa de energias renováveis do Mundo, sem sequer sermos a 2ª maior em Portugal, o que quer dizer que este crescimento aconteceu noutros lugares. Com certeza que depois desenvolvemos também outras importantes operações em termos de crescimento em Portugal, mas estamos agora presentes em 13 Países e nos E.U.A somos também a 3ª maior empresa do sector, em Bucareste, no Brasil e todos os outros Países que estão hoje na linha da frente na área das energias renováveis, onde com certeza queremos também estar envolvidos no Países Árabes, não somente no Norte de África, mas também nos Países do Médio Oriente, incluído projectos com os nossos accionistas, porque é sempre mais fácil fazer este trabalho com os nossos accionistas.

Outra coisa que eu gostaria de partilhar é que a Europa necessitará, excepto nos assuntos referentes ao gás que são hoje determinantes, eu diria que a maior mudança no mercado do gás nos últimos 5 anos é a prospecção de gás. Eu acredito que a Europa necessitará de investimento ao longo da cadeia de valor do mercado de 3 bilhões de euros nos próximos 10 anos. É muito dinheiro, são muitos projectos, é muito investimento, e eu penso que há também uma oportunidade

que não percebemos, porque o curto prazo hoje, quando falamos em 2013 e 2014, nós ainda estamos a viver sob uma nuvem onde a capacidade de acesso, especialmente no mercado da electricidade é a percepção básica. Claramente não temos dúvida nenhuma que o valor do investimento em termos de rede, em termos de distribuição e geração descentralizada, mas também em termos de geração centralizada é imensa e no seu todo representa bilhões nos próximos 10 anos. Então existe claramente um grande potencial nas energias renováveis e que faz sentido partilhar entre as nossas empresas.

E finalmente as últimas palavras, o 5º ponto que é um assunto que tenho vindo a discutir com empresas no Médio Oriente, o conceito de energia para todos. Temos 1.5 mil milhões de pessoas em todo o Mundo sem acesso a energia. É muita gente!

Isto é um assunto que necessita do conceito de energia para todos. Isto relaciona-se muito com a geração de energia renovável, mas também de gás, que faz muito sentido e é um enorme potencial que temos de aproveitar. Claramente as áreas de influência dos Países Árabes, aqueles em África e no Médio Oriente, é enorme. Estamos a falar principalmente em África. Por isso o potencial de levar a energia a esta parte da população, estamos a falar em cerca de 1/3 da população mundial que não tem acesso a energia, é uma coisa que podemos fazer em conjunto.

As minhas últimas palavras são que podemos fazer negócios em conjunto, quando gostamos uns dos outros, mas também quando reconhecemos que trabalhando em conjunto geramos diferentes capacidades em termos de gestão de projecto, em termos de capacidades técnicas, também em termos de capacidades de financiamento, porque estamos a falar sobre novas pesquisas, novos mercados onde existe claramente um enorme potencial.

Então, áreas óbvias e menos óbvias, eu gostaria de partilhar convosco que as estas áreas menos óbvias são hoje de uma grande dimensão em termos de trabalho conjunto, e é uma área onde todas as empresas Portuguesas, não somente nós próprios, dezenas de empresas Portuguesas, começando na engenharia, construção, operações, vendas, podem construir neste mercado das energias renováveis e até do gás, que estão na linha da frente do mercado mundial.

Às vezes não reconhecemos isto, mas claramente para mim há que prestar atenção nas coisas menos óbvias, porque os grandes negócios encontram-se nas áreas menos óbvias, porque o resto eventualmente já foi aproveitado por alguém.

Uma vez mais muito obrigado pela vossa atenção e acredito que certamente este Fórum será o começo para abordar todas estas oportunidades menos óbvias do sector da energia no mercado mundial.

Muito Obrigado.

Painel III **Cooperação no Sector das Energias**



Intervenção do Director Geral da ISA, Exmo. Senhor Eng. Henrique Pereira

Boa tarde Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Queria começar por agradecer à Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa pela oportunidade de vos apresentar hoje a ISA, uma empresa Portuguesa que trabalha na área do Oil&Gas e Energia.

A história da ISA tem já mais de 20 anos, tendo começado como um *spin-off* da Universidade de Coimbra, onde a investigação e desenvolvimento fazem parte da inovação

É uma empresa que desenvolve as suas próprias soluções e produtos, desde o *Hardware* quer a nível de *Software* e aos serviços. São construídos em Portugal, com um elevado nível de qualidade e desempenho mantendo uma competitividade alta, por uma equipa altamente qualificada.

A ISA tem uma presença global, tendo em 2012 exportado para mais de 25 Países. Neste momento temos mais de 100.000 equipamentos a funcionar um pouco por todo o Mundo. Como seria natural, com maior incidência na Europa, mas também com forte presença na América do Norte e do Sul. Desde há 1 ano, a aposta principal na Internacionalização tem sido nos mercados do Mundo Árabe, onde estamos também presentes com uma subsidiária.

A ISA tem uma base instalada bastante sólida e também tem o orgulho de poder contar na sua carteira de clientes com alguma das maiores empresas do Mundo no seu sector, incluindo as principais referências em Portugal, quer na parte área do *Oil&Gas*, quer na parte da Energia.

Queremos levar este conhecimento e experiência para o Mundo Árabe.

Sendo a inovação tão importante para a ISA, é natural destacarmos alguns dos prémios que temos recebido nessa área.

A *Gartner* seleccionou a ISA como fornecedor de referência para a área das *Smart cities* a nível mundial, assim como a *Berg Insight* o fez para a área do *Oil&Gas*. A *ADI* e o *Insead* reconheceram também os processos de inovação e entrada no mercado da ISA, tendo os seus produtos ganhado

o *Green Project Awards*. A ISA está cotada na bolsa, sendo a primeira empresa cotada na *Alternext*.

Aqui podemos ver o portfólio de soluções por área de actividade. No *Oil&Gas* cobrem toda a cadeia de valor, desde a exploração e produção, passando pela distribuição e até ao retalho. Na energia focam os diferentes segmentos, como o comercial, o industrial, o residencial e o da produção e distribuição.

Destacando algumas das nossas soluções, gostaria de começar pela gestão remota de tanques de combustível. Através da nossa solução é possível saber em tempo real o nível de combustível num tanque, para todo o parque instalado, podendo com essa informação fornecer um conjunto de serviços de valor acrescentado ao cliente. Desde a prevenção de rupturas de *stock* até à gestão eficiente do processo de logística, este tipo de soluções tem conseguido poupar aos nossos clientes cerca de 40% do custo logístico.

Um desses clientes é a BP, que há mais de 15 anos trabalha com a ISA nesta área. São algumas dezenas de milhares de tanques que a BP controla com recurso às soluções ISA em mais de 7 Países em vários continentes, permitindo num único sistema ter toda a informação centralizada. Nas palavras da própria BP, a solução permitiu-lhes significantes ganhos logísticos.

Outros exemplos das nossas soluções são as aplicadas aos postos de combustível e estações de serviço. Conseguimos ter informação sobre um alargado conjunto de componentes da estação de serviço, para além de outros parâmetros importantes (como os ambientais), dando uma visão completa sobre o funcionamento da estação de serviço ao cliente. Prevenção de acidentes, fugas e percas de eficiência logística no processo de reabastecimento são apenas algumas vantagens que as soluções da ISA conseguem fornecer.

Vantagens que a Repsol desfruta há mais de 10 anos, em Portugal e em Espanha, com a instalação deste tipo de soluções nas suas estações de serviço. Num centro de comando centralizado a Repsol consegue ter uma visão em tempo real do estado dos diferentes componentes das suas estações de serviço, conseguindo planear de forma eficaz o trabalho e reagir atempadamente a situações imprevistas e urgentes.

Passando para a área da energia, a nossa solução *KiSense* contribui de forma decisiva para tornar mais inteligentes os edifícios, indústria e diferentes infra-estruturas onde é usada. É uma solução completa que fornece informação em tempo real do consumo energético de uma infra-estrutura, como um edifício, aponta as ineficiências do sistema actual e propõe acções de melhoria que vão melhorar a eficiência energética e consequentemente reduzir os custos inerentes à operação desse edifício.

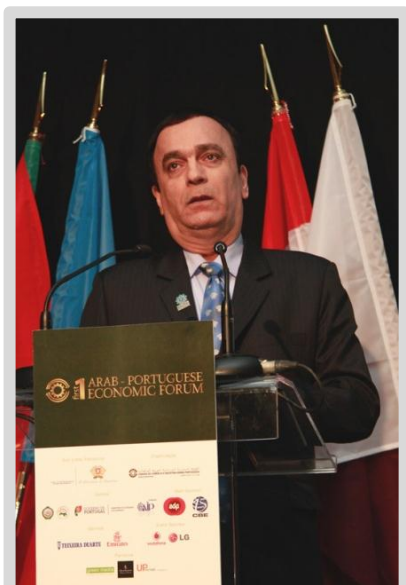
Um exemplo ilustrativo do poder desta solução é o projecto global que foi implementado no Banco Espírito Santo, em que ao longo de 2 anos a ISA trabalhou em parceria com o banco para reduzir significativamente o custo energético em cerca de 400 infra-estruturas do banco, entre edifícios e agências. De realçar que todo o investimento do projecto foi totalmente pago num período inferior a 2 anos numa clara demonstração da mais-valia que esta solução pode fornecer (contribui de uma forma significativa para a redução do custo energético, 31%).

Outro exemplo é o da ANA, em que as soluções da ISA fazem a monitorização de um conjunto alargado de variáveis energéticas, desde a electricidade, gás, água, combustível e parâmetros ambientais. Esta solução permite à ANA gerir de forma eficiente a energia nos seus principais 6 aeroportos, incluindo Lisboa, Porto, Faro e Açores.

Toda esta experiência acumulada é o que estamos a tentar construir, acrescentando valor nos mercados do mundo Árabe onde estamos actualmente a funcionar. Gostaria de finalizar reforçando o compromisso da ISA em marcar presença, reforçar os laços, de forma significativa no Mundo Árabe. Agradeço a vossa atenção e a disponibilidade de estar cá hoje para falar um pouco sobre a ISA sobre o que temos feito e que esperamos fazer mais no futuro.

Obrigado a todos.

Painel IV **Cooperação no Sector do Turismo**



Intervenção do Presidente das Feiras Internacionais dos Emirados Árabes Unidos, o Exmo. Senhor Dr. Ahmed Albanna

*Dirijo um especial agradecimento à CCIAP pelo convite para estar presente neste **Primeiro Fórum Económico Portugal – Países Árabes** e quero cumprimentar também os membros do painel e todos os empresários presentes na sala.*

O sector das conferências e exposições no E.A.U desempenha um papel muito importante e que é designado como turismo selectivo. Com as ligações aéreas da empresa Fly Emirates é permitido a acesso a mais de 1 milhão de potenciais participantes em conferências nos E.A.U.

Os E.A.U detêm as infra-estruturas necessárias, uma localização estratégica para se tornarem num centro internacional na realização de conferências, daí o facto de actualmente as principais companhias aéreas americanas e europeias operarem no Dubai ou Abu Dhabi.

O número de passageiros que passou pelo Aeroporto Internacional do Dubai em 2012, atingiu os 50 milhões de passageiros. Comparando com a população total dos EAU, este é um valor muito elevado, se olharmos para o total de turistas que visitaram os EAU 6 a 7 milhões de turistas incluindo obviamente os turistas repetentes.

Observando agora alguns dos mais importantes avanços, e para a importância desta indústria para todos os presentes, quer estejamos a falar de comboios, indústria, agricultura, sectores financeiros, quer falemos de qualquer sector de actividade, o serviço e suporte que as exposições, feiras e conferências, fornecem a esses sectores é um elemento fundamental para o sucesso operacional de qualquer empresa.

Investimos muito em desenvolvimento, em marketing, para que as exposições, feiras e conferências e *workshops* sejam um elemento importante e tenham um papel importante para as empresas e CEO's por todo o Mundo, para que sejam vistas como uma parte dos seus planos de marketing,

que incluam a participação das mesmas nos eventos. O produto, seja ele qual for, é apresentado num conjunto de feiras diferentes de todas as que existem no Mundo.

Existem bastantes feiras que são organizadas nos EAU e de certeza que muitos dos presentes, de empresas Portuguesas, já participaram nas mesmas de alguma forma, e já viram as feiras e seminários no Dubai, por exemplo o *Air Show*, que é organizado a cada dois anos, *Big Five* que é a feira de construção, *Arab Cult*, uma grande feira organizada no Dubai, *IDEX*, exposição internacional de defesa organizada em Abu Dhabi.

Há mais de 400 feiras organizadas anualmente entre o centro de Convenções do Dubai e o centro de Convenções de Abu Dhabi e pelos outros centros de exposições nos EAU.

A importância da indústria das feiras e a participação no sector do turismo, que representa cerca de 18%, 16% a 18% do PIB dos EAU. Se olharmos para essa percentagem, esses 18%, mais de 70% são provenientes de turismo para feiras, conferências, *workshops*, e de eventos específicos que são organizados nos EAU.

Os EAU foram capazes de organizar um evento muito importante e prestigiante que aconteceu em 2003, em Setembro de 2003, que foram as reuniões dos Conselhos de Governadores do Banco Mundial e FMI, tendo lugar pela primeira vez no Médio Oriente, atraindo mais de oitenta mil participantes, desde chefes de Estado, Ministros de Finanças, Governadores dos Bancos Centrais, representantes do sector financeiro de todo o Mundo.

Em 2007 organizámos a maior feira dentária, o *FDI*, em Outubro de 2007, onde atraiu mais de 28 mil dentistas e pessoas dentro do sector de actividade, ao Dubai com a duração de cinco dias.

O IHF, que foi organizado em 2010, foi mais um grande evento que aconteceu. Muitos mais aconteceram. Estou só a dar-vos exemplos de alguns desses grandes eventos que foram organizados.

Como a maioria de vós já ouviu falar que os EAU através da cidade do Dubai, é candidata à Expo 2020. A semana passada houve uma Assembleia Geral em França, Paris, para todos os membros candidatos que apresentaram as suas últimas apresentações para a Expo 2020.

Eu espero que a cidade do Dubai, através dos Países com que temos boas relações através de muitos sectores, estes nos dêem o seu apoio e que seja possível organizarmos a Expo 2020. Essa reunião de decisão será em Novembro deste ano.

Eu reparei que em algumas das feiras que são organizadas no Dubai, em Abu Dhabi, não tem havido a participação de empresas Portuguesas. Em algumas destas existem pavilhões dedicados a Países. Olhando para algumas das feiras, tenho observado pouca ou nenhuma participação

Portuguesa, sendo a minha opinião de encorajar empresas Portuguesas, organizações privadas ou até públicas, fazendo notar a importância de assistir ou participar nessas feiras, seminários, *workshops*.

Algumas empresas internacionais escolheram o Dubai, para realizarem as suas reuniões anuais, sejam assembleias gerais ou reuniões de Administração, escolheram o Dubai devido às instalações que podemos oferecer.

O sector dos serviços encarrega-se disso no Dubai e se olharmos também para alguns resultados da crise financeira que vemos por todo o Mundo em 2008, até aproximadamente 2010, afectaram o Dubai de forma positiva. Se olharmos para a taxa de inflação, o que fez com que esta baixasse, tornando assim o país mais atractivo para o turismo, para o turismo em geral e para o que nós designamos por turismo selectivo.

Senhoras e Senhores, não irei tomar-vos mais tempo além deste, esperando ter partilhado convosco algumas das minhas ideias, em termos de feiras, seminários e indústria de convenções e a sua importância no Mundo Árabe e restante Mundo.

Obrigado pela vossa atenção.

Obrigado.

Painel IV Cooperação no Sector do Turismo



Intervenção do Country Manager da Emirates Airlines, Exmo. Senhor Dr. David Quito

Boa tarde ilustres convidados e caros participantes do **Primeiro Fórum Económico Luso-Árabe**.

Desde há um ano que Portugal está mais próximo dos Países Árabes: dia 9 de Julho de 2012, estamos quase a fazer um ano, iniciámos a nossa operação, o nosso voo Lisboa-Dubai.

Todos os dias estamos a aterrar com o Boeing 777-200, com uma capacidade de 270 passageiros, divididos em três classes de serviço: 8 *private suites* em primeira classe, são 8 cabines individuais na primeira classe, 42 lugares em classe executiva e 200 lugares em classe económica.

Realmente a *Emirates* veio aproximar culturas, veio permitir a troca e a relação de novos negócios com este novo grupo, até então Portugal estava mais distante. Hoje em dia com um voo de 8 horas é mais fácil chegar ao Dubai, e ter-se no Dubai 130 destinos que a *Emirates* oferece a todos os nossos passageiros. É para quem nós trabalhamos e quem queremos ter uma experiência única de voo. Para quem viajou com a *Emirates* ou para quem pensa viajar com a *Emirates*, garanto que vai ser uma experiência única.

A *Emirates* desde muito cedo que apoia a Câmara de Comércio Luso-Árabe como parceiro, para nós de referência. Sabemos que as empresas são os principais beneficiários desta ligação, de permitir novas e rápidas ligações ao mundo Árabe, não só no Dubai mas a vários destinos na região do Golfo, e realmente trabalhamos de perto com a Câmara e não poderíamos deixar de apoiar este Fórum e sendo o **Primeiro Fórum** ser uma companhia patrocinadora deste Fórum, desde qual já eu agradeço à Câmara de Comércio pela nossa presença aqui hoje.

A *Emirates* tem uma delegação em Portugal, neste momento abrimos o nosso escritório no Marquês de Pombal, os quais convidamos a visitar o nosso escritório e desde cedo que a *Emirates* marcou uma posição no mercado Português: sendo uma companhia única a voar para um destino único,

Dubai e o Médio Oriente, nós proporcionamos a estes passageiros um serviço também único. Os nossos passageiros de classe executiva e primeira classe têm uma experiência única, não só a bordo mas também em terra.

Assim como qualquer parte do mundo tem este serviço, em que é levado directamente ao seu hotel ou residência no país onde reside e que são pequenos factores que a *Emirates* se distingue de outras companhias. Aponto que neste ano de 2013 desde Portugal transportámos mais de 100.000 passageiros para todo o mundo, e transportámos mais de 3000 toneladas de carga nos nossos aviões, na barriga dos nossos aviões, como nós chamamos.

A *Emirates* atingiu o reconhecimento a nível mundial e global, recentemente no *Paris Air Show* em Paris, fomos nomeados a companhia do ano para 2013. Somos realmente uma companhia de referência em todo o mundo e pelo 9º ano consecutivo que ganhamos este prémio, a companhia do ano.

Eu sei que uma imagem vale mais do que 1000 palavras, portanto eu deixo-vos agora com um pequeno vídeo que mostra a qualidade do nosso produto a bordo, mas também o Dubai como destino de turismo e negócios.

Boa tarde, Hello Tomorrow.

Painel IV Cooperação no Sector do Turismo



Intervenção de Sua Excelência o Secretário de Estado do Turismo de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Adolfo Mesquita Nunes.

Muito boa tarde a todos,

Queria agradecer o convite da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, para estar aqui e começar por vos dar as boas vindas a Portugal.

Eu presumo que os Secretários de Estado que aqui estiveram, já vos deram essas boas vindas mas permitam-me que eu seja particularmente efusivo nesse cumprimento, já que o Secretário de Estado do Turismo sou eu, e faz seguramente parte do meu trabalho assegurar que quem nos visita é bem recebido e fica com vontade de regressar.

Estou por isso particularmente satisfeito com esta iniciativa, porque ela permite realçar e reforçar a atitude que caracteriza Portugal e o Governo Português no acolhimento dos Países Árabes.

Atitude e abertura, com o qual beneficiamos todos: ganha Portugal, ganham os Países Árabes mas ganham sobretudo os consumidores, os turistas e os investidores. E é essa atitude e abertura que têm contribuído para o estreitamento das ligações entre os nossos Países. E permitam-me que vos diga, que apostar em Portugal, apostar nesta cooperação entre Portugal e os Países Árabes é uma aposta ganha. E quando falo em cooperação, falo evidentemente em investimento e em negócios, porque as oportunidades de negócio e investimento são o tema principal desta minha apresentação, e presumo eu, que é o tema que aqueles que aqui estão hoje, não têm tempo a perder querem ouvir.

Investir em Portugal, fazer negócios em Portugal é hoje como eu dizia, uma aposta ganha. Estou confiante aliás que esse vai ser o testemunho que vamos ouvir de seguida pelas restantes personalidades que me seguirão nesta intervenção. E o Governo Português tem feito um esforço, um esforço profundo no sentido de simplificar a vida das empresas, e para promover e facilitar o investimento. Nos últimos meses flexibilizámos o mercado laboral, revimos a regulação económica aprovando uma nova lei da concorrência, privatizámos empresas do sector eléctrico, de infra-estruturas aeroportuárias e hospitais, privatizaremos futuramente a nossa transportadora aérea, os

correios, a transportadora na carga ferroviária e um grupo segurador público. Concessionámos portos, vamos concessionar transportes públicos urbanos, e estamos a fazer uma reforma profunda no funcionamento do Estado para assegurar que esta ajuda a Economia e não a asfixia.

O Estado Português conta, no domínio do Turismo, com a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, que em conjunto com o Turismo de Portugal oferece um apoio especializado para os investidores em Portugal e em toda a linha: apoios financeiros, fiscais, de formação, apoio à investigação e apoio ao desenvolvimento, tudo isto feito de forma personalizada e com um único interlocutor. Sabemos que é fundamental abrir horizontes, que o Governo com a AICEP e Turismo de Portugal não estão apenas no final da linha, acompanham linearmente todos os processos, num modelo colaborativo e frutuoso entre as esferas pública e a esfera privada. E vamos continuar a trabalhar nesse sentido, especificamente no turismo, área que eu tutelo, temos trabalhado para simplificar procedimentos, para baixar custos de contexto, para eliminar taxas, para criar mecanismos de apoio ao investimento, instrumentos de apoio financeiro, que ajudam os investidores a concretizar os seus projectos, designadamente nos casos de investimento directo estrangeiro. Tudo para que seja mais fácil, mais rápido e mais proveitoso investir em Portugal.

E queria aqui destacar, ainda no sector do turismo, os *Golden Visa*, criados recentemente, com o objectivo de acolher de forma mais fácil, quem quer investir no nosso país, e que estão a dar bons resultados. Este regime, que é entre os mais competitivos da Europa, cria a possibilidade aos investidores estrangeiros de requerer uma autorização de residência, que permite a circulação em todo o espaço *Schengen*, a quem transferir capitais, criar empregos, ou comprar imóveis em Portugal. Esta última hipótese de obtenção do *Golden Visa*, é particularmente relevante para o sector do Turismo, nomeadamente o sector do Turismo residencial, sector que estamos empenhados em dinamizar.

E de facto, o sector do turismo, permitam-me que o realce, é um dos mais dinâmicos da economia Portuguesa. Estamos entre os 30 principais destinos mundiais, em matéria de turismo. O turismo representa cerca de 9,5% do nosso PIB, representa 8% do nosso emprego, com receitas externas equivalentes a 13% das nossas exportações de bens e serviços. Recebemos anualmente mais de 12 milhões de turistas internacionais, a que acresce 1/3 de procura interna. Temos mais turistas do que temos habitantes, e todos os anos recebemos mais turistas. Isso tem permitido que as receitas do turismo, tenham subido apesar das condições adversas, da economia Europeia e Nacional. As receitas do turismo cresceram em 2011 mais de 7%, enquanto poderíamos pensar que elas não continuariam a crescer: cresceram em 2012, mais de 5%.

E somos um país muito competitivo em matéria de turismo: ocupamos a 20ª posição em termos de ranking mundial da competitividade turística à frente de Países como a Itália ou a Tailândia. E competimos nos mais exigentes e sofisticados mercados emissores de turistas, como a Alemanha,

o Reino Unido, a França, o Brasil ou mesmo os Estados Unidos da América. Esta competitividade não nos faz parar, estamos a desenvolver mais e melhores produtos turísticos, para responder as necessidades da procura: Turismo de Saúde, turismo Náutico, turismo de Negócios, de Congressos, mas também estamos a requalificar o sol e praia e a desenvolver o Golfe onde já somos dos melhores. Aliás quanto ao Turismo de Congressos, quero partilhar um dado convosco: neste fim-de-semana vamos receber um grande congresso internacional em Lisboa, na nossa capital que ocupa 10º lugar no ranking mundial da IKA como destino de congressos. O *Rotary Club International*, escolheu esta cidade para reunir mais de 25000 homens de negócio na sua convenção. É um voto de confiança nas nossas capacidades e oportunidades que vos transmito.

E o Turismo é por isso uma área de excelência para o investimento; no alojamento sim, mas também na animação turística, na requalificação de produto, na adaptação à procura, nas novas tecnologias associadas ao sector, etc. E não é por isso surpresa, que cadeias como a *Amã*, *Four Seasons* e *Hyatt*, estejam a realizar novos projectos em Portugal.

Eu penso que é dispensável, sobretudo para aqueles que conhecem Portugal falar sobre os nossos atributos, e esse é um trabalho que eu penso está à vista de todos.

O bom clima, a gastronomia, os vinhos, as paisagens, a praia, a cultura, o património, as cidades cosmopolitas ou a arquitectura premiada. Oferta hoteleira de qualidade, os *resorts*, os golfs, as marinas, mas permitam-me que realce a circunstância de Portugal ter uma localização estratégica para oferecer: a Ocidente, uma ponta transatlântica com as Américas, onde se destaca o Brasil, a Sul com África, a Oriente e Norte uma porta de entrada para o mercado europeu.

Portugal tem quatro aeroportos internacionais, um *hub* aéreo para a América do Sul, em particular para o Brasil, onde nos ligamos a dez cidades com voos directos, e um *hub* para os Países Africanos de língua Portuguesa. Este terá sido um dos motivos que motivou a decisão da *Emirates* voar para Lisboa, a partir do Dubai uma ligação também ela estratégica que aproxima os vários continentes. Índia, China, Emirados Árabes Unidos e Europa através de Portugal, a partir daqui a América do Sul e a África.

Uma aposta que pelos dados que disponho está a correr muito bem, espero eu, que possa motivar um reforço de capacidade nos próximos tempos. E o sucesso que pode atrair, espero eu, novas rotas, novas ligações e novas companhias. Temos também 5 portos marítimos no Continente a receber tráfego internacional, incluindo o porto de águas profundas de Sines, e temos também uma rede ferroviária extensa, considerada pela OCDE como a maior *per capita*, dos Países Europeus.

Enquanto destino turístico estruturado, diversificado, e competitivo, Portugal começou agora com as suas ligações aéreas recentes, a estreitar o Turismo com os Países Árabes.

Por isso mesmo vamos expandir a nossa rede de delegados de turismo para os Países Árabes, para poder acompanhar, seguir, monitorizar, contactar e negociar com os mercados dos Países Árabes, e assim intensificar o fluxo turístico já crescente que nos chega desses Países.

Aliás 20 empresas dos principais grupos de turismo Portugueses participaram já na *Revenue Travel Mark*, e também temos recebido crescentemente visitas de operadores turísticos vindos de Países Árabes.

E queria destacar também em particular, o esforço que as nossas empresas já fizeram para ajustar o produto ao mercado. No sentido de garantir um serviço de qualidade, e uma oferta que responde às reais necessidades dos turistas que nos visitam. Desde a configuração e decoração dos quartos, permitindo acolher famílias numerosas em comunicação, à possibilidade de exclusividade de espaços reservados para homens de negócio que querem descrição, a pormenores como as ementas de restaurantes, ou as cartas de menu que já começam a surgir em Árabe. Até à recepção nos aeroportos, a qualidade nos transferes, e muito mais. Esta é a marca que nos distingue enquanto um dos 20 Países mais competitivos do Mundo em matéria de turismo.

E esta competitividade só foi possível também pela qualificação dos recursos humanos, e pela formação que lhes demos. As escolas de hotelaria em Portugal têm dado um extraordinário contributo para o reforço na qualidade dos recursos humanos reconhecidas internacionalmente. E ela é normalmente um instrumento precioso de cooperação entre Portugal e vários Países. Estamos com vários Países a ensinar, a formar, a estruturar produtos turísticos.

Minhas Senhoras e meus Senhores, eu estou já a terminar enquanto representante do Governo Português da pasta do Turismo, quero deixar bem expresso este compromisso de abertura aos Países Árabes, como um compromisso duradouro e que tem muito de proveitoso.

Em tudo aquilo que temos para oferecer em matéria de turismo, estamos de braços abertos. Aliás a minha antecessora na pasta do turismo teve uma oportunidade de participar num encontro empresarial no Dubai em 2012 onde contactou com vários empresários que mostraram interesse em investir em Portugal. Um desses empresários mostrou um empenho especial e diferente, logo nessa reunião. Pois em Março deste ano, inesperadamente e sem marcação bateu à porta do meu gabinete. Estava em Portugal, estava em prospecção. Não temos de facto tempo a perder e enquanto Secretário de Estado do turismo não tenciono perder um segundo se me baterem à porta no sentido de trazerem investimento para Portugal, abrir a nossa cooperação ou pedir o fortalecimento dos laços que temos entre nós, e o turismo é seguramente um campo onde podemos trabalhar mais em conjunto.

Muito obrigado a todos pela vossa atenção.

Painel IV **Cooperação no Sector do Turismo**



Intervenção do Delegado da empresa LG Electronics Portugal, Exmo. Senhor Eng. Hugo Delgado

Queria agradecer à CCIAP pela iniciativa, pelo grau de importância e pela actualidade do tema que tem claramente sido o que nós necessitamos.

Nesse enquadramento gostaria de vos apresentar, e falou-se aqui de vários investimentos, e para fazer investimentos é também necessário ter soluções, soluções que visam não só a eficiência energética, cada vez mais o mote de subsistência, o mote de sobrevivência.

Nesse sentido, a *LG Electronics*, sendo o seu *core business* uma empresa de inovação, claramente a transferência tecnológica é aquilo que nos define, é a nossa génese, daí que tenhamos de ter uma percepção rápida daquilo que é o mercado e aquilo que são as reais necessidades do nosso mercado e agir em conformidade, daí buscar essencialmente nesse sentido.

A *LG Electronics* assenta em três pontos basilares:

Parte electrónica, parte de químicos, telecomunicações e serviços geridos pelas mais diversas valias. Somos constituídos por um nº global de 117 operações, 182000 trabalhadores.

Isto carece de uma organização forte, estruturada, que de certa forma através das diversas sinergias, faz com que consigamos estar nos mais diversos Países e culturalmente também tenhamos de nos adaptar. Nesse sentido procurando também os principais pontos de qualidade, que deveremos assegurar no mercado, há que trabalhar também em alguns pontos basilares, num deles e especificamente no ar condicionado, não só na parte residencial como também na parte industrial. É claramente o *core business* que a electrónica de consumo tem vindo a desenvolver. Gostaria aqui de colocar em destaque as câmaras de teste de ruído, de teste de níveis, que possam assegurar a qualidade do produto.

A nível das diversas áreas de negócio que compõem a *LG Portugal* mais concretamente, estamos a falar do *Home entertainment*, soluções que qualquer um de nós tem em casa claramente essas soluções, *LCD's* com alguma funções profissionais que se encontram espelhadas neste Fórum,

também são alvo das nossas parcerias de negócio, telecomunicações, não podemos viver sem elas nem aos dispositivos móveis que facilitam essa mesma comunicação, soluções de energia e ar-condicionado, *business solutions*.

No ar condicionado, em soluções de energia é a vanguarda que se fala. Cada vez mais esta energia é algo que tem o real impacto na carteira de todos nós, daí que faça sentido pensarmos cada vez mais na eficiência energética como algo pelo que nos devemos debater, e dizemos debater porque custa-nos, e no momento de optar como investimento pela solução, há que colocar também na equação esse patamar. E daí que tenhamos também de na nossa estrutura, capacidades e valências técnicas que façam apoiar e suportar toas essas necessidades. Desde a preparação da proposta, claramente aqui uma visão comercial a dar apoio, no entanto é necessário ter também um apoio técnico e de engenharia, que consiga em consonância com os gabinetes de projecto e arquitectura, chegar à solução ideal que é efectivamente o que o cliente pretende. Tudo isto é importante, mas dotar os nossos parceiros do conhecimento do nosso produto, daí que a nossa academia de formação seja algo fundamental. Não temos de privar os nossos parceiros de instalar o nosso equipamento, temos é de ensinar a trabalhar o nosso produto da melhor forma possível, que faça também, como é óbvio, cumprir os requisitos da própria marca. E depois o próprio arranque, assistência e manutenção são fundamentais para que se consiga ter o produto realizado.

Aqui um pouco espelhado nas academias que temos no Mundo, acabamos por ter também aqui planos de formação orientados, mas nivelados para todos os diversos Países que nos acolhem, para que o grau de exigência seja efectivamente o mesmo.

Como não poderia deixar de ser, a responsabilidade ambiental é algo que todos nós estamos certamente envolvidos, além da nossa academia promover efectivamente isso, existe um balanço que nós mensalmente fazemos, de todo o consumo energético que a academia faz em termos de funcionamento, electricidade e algum gás que é convertido em plantação de árvores, para que o balanço de CO₂ seja efectivamente completo. A certificação do nosso espaço é algo fundamental não só na área do ar condicionado, mas também em todos os equipamentos e dispositivos que comercializamos e procurando essencialmente também, parceiros Portugueses. As empresas fabricantes de produtos aliadas às nossas soluções sejam parte também da solução integrada, é isso que também visa a própria academia.

No âmbito do turismo é claramente algo que todos nós temos necessidade, necessidade de climatização, de garantir a qualidade do ar interior algo que se verifica também neste espaço e dispomos de diversas soluções para ir ao encontro daquilo que são as reais necessidades não só a própria solução, mas também o próprio controlo e a própria gestão que reside no papel fundamental para o controlo da eficiência energética.

Desde soluções de tratamento de unidades de ar, que permitem uma melhor qualidade do ar interior, e isso cada vez mais nós somos sensíveis a isso, mas também a própria correcção térmica dos espaços, as necessidades muitas vezes de termos as águas quentes sanitárias como algo fundamental para o nosso quotidiano, mas temos de pensar onde virá essencialmente o custo energético para essa produção. Poderá vir do solar, poderá vir de caldeiras, de esquentadores, mas temos uma solução integrada, visando a diminuição de custos e exploração e de investimento.

Além disso há um aproveitamento que cada vez mais deve ser aproveitado, tendencialmente os Países desenvolvidos, ou em vias de desenvolvimento têm procurado soluções associadas à geotermia, à utilização do solo, da terra, de espaços herbívoros que procurem minimizar as temperaturas de funcionamento e também trazer aqui mais uma visão de eficiência energética, e claramente também temos soluções nesse âmbito.

Tudo isto são soluções, mas importa também mensurar. Essa mensuração deverá, de certa forma, ir de encontro aquilo que é o perfil do espaço, obviamente que existem soluções que podem ser aplicadas em determinado tipo de solução: hotéis, hospitais, mas por exemplo para o ambiente residencial poderão não fazer sentido. É esse trabalho terá que estar previsto por trás, para que essencialmente se possa fazer corresponder a solução ao cliente. Claramente este é o nosso trabalho, o nosso dia-a-dia, comparar sistemas, fazer simulações energéticas de edifícios, e também fazer uma validação comparando com a zona geográfica que estamos a falar.

Aquele pequeno exemplo que fizemos para as três zonas do nosso país, de referência Faro, Lisboa e Porto, conseguiu-se aqui alguns resultados importantes. Isto para implementação num hotel, que acabou por se concretizar, acabámos por integrar uma solução claramente mais vantajosa que procurava numa fase de projecto inicial ter um *break even point* inferior a 1 ano, claramente com vantagens ao nível dos custos de exploração bastante interessantes, no entanto ao nível de sistemas de ar já instalados aí tínhamos um período de retorno de investimento de 7 anos, também algo que pudesse, de acordo com o ciclo de vida do produto, ter a sua receptividade.

Como objecto de instalações temos alguns hotéis pelos quais foram instalados não só as soluções de climatização mas também soluções de *intelligence solutions*, estamos a falar de meios profissionais, e daí que obviamente as próprias necessidades do espaço tiveram de recorrer a algumas tecnologias emergentes. Os hotéis de cinco estrelas, têm normalmente alguns requisitos que temos de fazer cumprir, nomeadamente com a introdução de sistemas que permitam o aquecimento e arrefecimento em simultâneo, claramente conseguimos corresponder a estes sistemas e ter também a preocupação muitas vezes das quantidades de fluido de refrigeração que a própria instalação poderá ter, que foi também considerada nesta situação. Este hotel também aqui em Lisboa, outro em Braga, estamos a falar de potências na ordem dos 200KW, potências bastante

elevadas, onde muitas vezes a factura energética, estamos a falar de 40 a 50% dos custos de exploração, algo a ter em linha de conta.

Aqui também um hotel de 3 estrelas onde se aplicou algumas soluções com a preocupação aqui ao nível da qualidade do ar interior com a introdução de sistemas que visem essencialmente tratar essa área, também aqui com a preocupação de humidades relativas no espaço em que é necessário tratar. Também tivemos essa preocupação na introdução de um sistema específico efectivo, que conseguisse trazer a correcção térmica e de humidade, garantir a qualidade de ar interior mas também dos requisitos higrómetros do espaço.

E para finalizar também dar alguns exemplos do que tem sido a nossa prospecção e trabalho a nível de hotel com alguns hotéis de referência: *Corinthia Portugal, Hilton Conrad Portugal, Palácio das Cardosas, Hotel Sana Epic Amoreiras, Vila Galé Grupo, Inatel, Pestana*, portanto um vasto leque de soluções que nós temos para vos disponibilizar.

Nesse sentido, dou por finalizada a minha apresentação, alguma questão terei toda a disponibilidade para vos tirar.

Muito Obrigado. Boa tarde.

Painel V Sessão de Encerramento



Intervenção de Sua Excelência o Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Paulo Portas

Senhor Ministro Chefe do Governo encarregue dos assuntos económicos da República da Tunísia,

Senhores Membros das Agências de Investimento dos Países Árabes,

Senhoras e Senhores Empresários,

Queria começar por dar as boas vindas a Portugal, País que conhecem bem, aos membros dos Governos dos Países Árabes, nossos amigos, e expressar-lhes desde logo a prioridade que atribuímos ao relacionamento com uma das fronteiras fundamentais para o desenvolvimento e para a estabilidade que é a fronteira da nossa vizinhança Sul.

Queria agradecer o convite que me foi dirigido para encerrar este **Primeiro Fórum Económico Portugal Países-Árabes** e felicitar vivamente a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, na pessoa do seu Presidente Eng. Ângelo Correia, e do seu Secretário-Geral, Eng. Karim, assim como toda a restante equipa pela excelente iniciativa muito bem-sucedida, de organizar este Fórum.

É um evento de assinalável interesse, que se pretende que venha a contribuir para o estabelecimento de uma parceria em longevidade, conducente a um reforço ainda maior das relações empresariais entre Portugal e os Países Árabes.

Quero também aproveitar para felicitar a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa pelos seus 35 anos de existência, sendo este Fórum a melhor forma de assinalar o excelente trabalho que tem desenvolvido ao longo de todos estes anos.

As felicitações e agradecimentos são igualmente extensíveis à Liga dos Estados Árabes e à União Geral das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura dos Países Árabes, AIP, entidades parceiras que também contribuíram para o sucesso desta iniciativa, bem como a todas as entidades empresariais que rapidamente perceberam a vantagem de se associarem como patrocinadores do Fórum que permite um elevado grau de contactos para se poderem fazer, e criar oportunidades que se desenvolvam em negócios e contratos.

Minhas amigas e meus amigos, esta iniciativa prossegue um desígnio que me é particularmente caro, e em relação ao qual tenho procurado apresentar uma política exterior coerente, desde o primeiro dia, tradicional, nesse país muito antigo e conhecedor do Mundo que é Portugal, e que aponta para um aprofundamento das relações políticas e económicas entre Portugal e os Países Árabes.

É uma oportunidade tanto mais louvável quanto, ainda para mais, se insere num contexto de mercado por um processo de internacionalização sem precedentes da economia Portuguesa.

No plano da diplomacia política, queria lembrar que as minhas primeiras viagens oficiais foram aos Países do Magrebe, e isso não aconteceu involuntariamente, foi uma opção política.

Queria também lembrar-vos que nestes dois anos de mandato, visitei já os Emirados Árabes Unidos, Qatar, Kuwait, Omão, Tunísia, Argélia, Marrocos e Líbia, alguns várias vezes, e com visitas das contrapartes com quem estabelecemos, para além disso, relações pessoais fortes.

Queria também lembrar-vos que a aposta das relações Luso-Árabes levou com que nos últimos anos fizéssemos um esforço suplementar através da abertura das embaixadas em Abu Dhabi e em Doha. Reforçámos assim a rede diplomática e comercial no Mundo Árabe, destino de um grande número de visitas institucionais, e de variadas e robustas missões empresariais e científicas.

Quero aproveitar para vos dizer que apesar das obrigações de rigor que devemos cumprir do ponto de vista orçamental, Portugal continuará a procurar melhorar a sua presença diplomática no Mundo Árabe. Em 2014 procurarei que haja uma antena diplomática Portuguesa, pela primeira vez em muitos anos, porque já a tivemos e deixamos de ter, em Bagdad.

Queria também sublinhar que, em todas estas visitas fui destinatário de muitas declarações de amizade que me sensibilizaram, acompanhadas sempre por um interesse genuíno no intensificar do relacionamento bilateral por parte das autoridades, mas também, por parte dos investidores, importadores e empresas. Em todas as visitas que realizei ao Mundo Árabe, tive ocasião de me encontrar com os membros das autoridades políticas mas também, com as comunidades empresariais. Os Países Árabes constituem do ponto de vista económico mercados com elevado potencial de crescimento, por três razões que são simples de observar: porque concentram a principal produção de hidrocarbonetos a nível global; porque registam fortes perspectivas de crescimento nos sectores não petrolíferos projectados em grandes investimentos a nível de infra-estruturas e também no desenvolvimento de capital humano; e porque finalmente, todos estes Países detêm uma elevada capacidade de investimento além-fronteiras.

Quando se fala em Países Árabes, estamos a referir-nos a 22 Países, cerca de 400 milhões de habitantes, e que apenas em bens de consumo e equipamento importam em cada ano, mais de 400

mil milhões de euros. Bens de consumo e de equipamento que as nossas empresas produzem com elevada qualidade e estão habilitadas a fornecer.

É-me ainda grato registar um facto que quero sublinhar: as exportações para os Países Árabes quase duplicaram entre 2008-2012, passando de cerca de 860 milhões de euros para 1550 milhões de euros.

Mas eu gostaria de sublinhar um indicador que eu pude observar directamente desde o primeiro dia em que assumi responsabilidades na área da diplomacia económica: entre 2011 e 2012 as exportações para o Mundo Árabe cresceram de 1280 milhões de euros para 1553 milhões de euros. Em plena recessão, as empresas exportadoras Portuguesas deram uma prova, e continuam a dá-la de extraordinária agilidade, procurando os mercados onde as economias crescem, onde existe disponibilidade para comprar os nossos produtos, e ao crescerem no Mundo Árabe estão a proteger a sua retaguarda em Portugal. Devo aliás sublinhar que no primeiro trimestre deste ano, as nossas exportações para o Mundo Árabe cresceram 46% face ao período homólogo do ano passado, o que representa um crescimento de nada menos do que 163 milhões de euros. Isto significa que como sempre afirmei, as empresas são ágeis, tomam decisões pragmáticas. Os mercados tradicionais para onde Portugal exporta são importantes, mas como há demasiada recessão, constatação na Europa. As empresas Portuguesas estão a ir para novos mercados, para economias emergentes, para sociedades que apostam no crescimento, no desenvolvimento e na qualificação do seu capital humano. Têm vontade de conhecer as marcas, os produtos e as empresas Portuguesas, e o Mundo Árabe nessa estratégia de diversificação, ocupa um lugar de cima.

Apesar de este crescimento ser verdadeiramente extraordinário, e como muitas vezes tenho dito é o mérito das empresas, aquilo que os Governos fazem, se fizerem bem, é facilitar o crescimento das exportações e a atracção do investimento, mas quem decide exportar são as empresas, e quem decide investir são também os empresários. A mim compete-me fazer parte daqueles que querem fazer tudo o que podem e que está ao seu alcance para fomentar as exportações e facilitar o investimento, porque isso é decisivo para a transformação da economia Portuguesa e para a aceleração do ciclo de crescimento. Mas queria sublinhar que o facto de haver um crescimento exponencial das exportações para os Países Árabes, a um ritmo acelerado, não significa que seja um trabalho esgotado, podemos ainda fazer mais.

Como sabem, os grupos de produtos exportados por Portugal para estes mercados têm algumas classificações tradicionais onde são fortes: os metais, as máquinas, os equipamentos, os minerais. Quero também registar o aumento percentual significativo da exportação de produtos agrícolas e alimentares, respectivamente 70% e 25%, que encontram em alguns destes mercados, clientes crescentemente interessados.

Como sabem, melhor do que nós, os próprios dirigentes do Mundo Árabe, a questão da segurança alimentar e do aprovisionamento alimentar é estratégica para muitos destes Países.

Queria ainda dizer-vos que as Câmaras, as Agências, as empresas têm aqui a oportunidade de desenvolver novos mercados e novas possibilidades.

Quero ainda salientar, até porque acompanho de forma próxima as potencialidades que se oferecem no desenvolvimento de parcerias com as nossas universidades e institutos: cada vez mais há internacionalização e intercâmbio de estudantes. É também relevante assinalar a disponibilidade crescente de empresários de ambas as partes para poderem trabalhar juntos nos mercados regionais em que uns e outros tenham particular tradição.

Queria também, sem demorar a minha intervenção, voltar a sublinhar um conjunto de razões pelas quais Portugal não apenas está interessado em exportar mais para o Mundo Árabe como, está aberto ao investimento do Mundo Árabe. Só acredito em relações económicas mutuamente vantajosas, ambas as partes têm de se sentir confortáveis com o que vendem e com o que compram. E por isso, à política de fomento das exportações Portuguesas para o Mundo Árabe, também corresponde uma abertura e uma disponibilidade de Portugal para acolher o investimento Árabe no nosso país. Por razões que eu acho que é desejável ver agora e não daqui a 1 ano ou daqui a 2 anos, é agora o momento de olhar para o investimento em Portugal. Agora Portugal começa a conseguir financiamento autónomo dos mercados. Já cumpriu 2/3 do seu programa de assistência, está a 1 ano de voltar a adquirir aquilo que é próprio, do ponto de vista de liberdade de um Estado de Nação tao antigo como nós somos, feitos todos os esforços, feitas muitas reformas, é exactamente agora o momento de olhar para o investimento em Portugal. Porque agora será feito em melhores condições, do ponto de vista de quem queira investir, e daqui a 1 ano haverá mais gente a competir, e as condições provavelmente serão mais dispendiosas. É agora o momento de olhar para o investimento em Portugal.

Por razões que são simples de explicar:

- Portugal tem uma localização estratégica que é única, é a porta para a Europa, é uma porta para a África, é uma porta para as Américas, e tem um conhecimento muito significativo de regiões como o Médio Oriente ou o Magrebe;
- Portugal tem relações económicas e diplomáticas privilegiadas com um conjunto emergente e ascendente de Estados que partilham connosco uma língua e uma cultura, e portanto quem investir em Portugal também investe numa plataforma para poder fazer bons negócios em Países onde o Português, nas suas várias formas, é falado;

- Portugal tem recursos humanos flexíveis e qualificados, que são orientados para a inovação;
- Portugal tem hoje uma legislação laboral mais amiga do investimento para ser competitiva, e um investidor poder considerar que nesse factor também Portugal é bom para investir;
- Portugal tem custos operacionais competitivos no contexto Europeu. Tem infra-estruturas logísticas de alta qualidade entre as quais: a rede de auto-estradas, os aeroportos internacionais, e os portos, cada vez mais relevantes nas relações comerciais internacionais;
- Portugal tem uma excelente rede de telecomunicações, tem em todo o país espaço disponível para indústria e escritórios, havendo muitas autarquias que já compreenderam perfeitamente que podem jogar um papel muito importante e cooperativo para atrair investimento;
- Portugal tem o compromisso do Governo em desenvolver um bom ambiente de negócios, através de reformas pioneiras, nomeadamente na área fiscal. Foi recentemente aprovado pelo Governo aquilo a que se chama super crédito fiscal, quem investir em 2013 em Portugal, terá uma taxa de IRC mais baixa do que aquele que se pratica na Irlanda, e que tem tanta fama justamente no Mundo. Quem aproveitar essa taxa extremamente competitiva, 7.5% contra 12.5% na Irlanda, para o investimento este ano em Portugal, obviamente está a ajudar a economia Portuguesa a ultrapassar uma fase difícil, e esta legislação fiscal especial permite sobretudo 2 efeitos: quem pensasse investir para o ano, mas pondera-se fazê-lo este ano, tenha mais uma razão para fazê-lo este ano.

E quem, no mapa dos investimentos internacionais tivesse Portugal numa mão, e outro país na outra, fique a saber que obviamente a mão para investir em Portugal é mais amiga e convidativa.

A esta legislação fiscal especial para 2013 seguir-se-á uma reforma do IRC desejavelmente consensual, e que permite perspectivar nos próximos anos com segurança e previsibilidade para os investidores uma redução do IRC de níveis competitivos.

Queria ainda sublinhar um programa que dou a maior importância e que é entre todos os Países Europeus que já pensaram ou já legislaram, ligando política de vistos com a política de investimentos. O sistema Português é o mais atractivo e se alguma vez estiver em risco de o ser, nós reforçaremos a sua competitividade e a sua atractividade.

Como sabem Portugal aprovou uma legislação de autorização de residência para investimento, é assim que tecnicamente se chama, comumente é designado por Visto Gold; e significa que quem transfere para o sistema financeiro Português, pelo menos um milhão de euros, ou quem adquire em Portugal propriedades com um valor mínimo de meio milhão de euros, ou quem tem projectos industriais a desenvolver em Portugal e que criam pelo menos 10 postos de trabalho, para além dos incentivos contratuais em termos financeiros e fiscais têm um *plus*, e este *plus* chama-se Visto Gold, ou seja uma autorização de residência por 1 ano, mais 2 anos, renovável estavelmente com acesso

a toda a área *Schengen*, dando em condições de especial celeridade, tratando bem quem investe agora em Portugal, quem nos ajude a acelerar o ritmo para o crescimento económico e por isso deve receber das autoridades Portuguesas a capacidade de bem receber, que sempre caracterizou o nosso país.

A este respeito queria dar-vos uma noção, de como evoluem as coisas no espaço de semanas. Com um espaço de vigência, relativamente curto do programa dos Vistos Gold, Portugal, esta semana, já tinha atribuído 40 autorizações de residência para investimento e, como contrapartida de investimento, isto significa uma colocação na economia Portuguesa de mais de 30 milhões de euros. Estão neste momento mais 90 processos em avaliação nas autoridades Portuguesas, o significa que o programa está a correr bem.

Queria ainda sublinhar entre todas as razões para investir em Portugal, que é difícil encontrar um país Europeu com a nossa qualidade de vida, o nosso clima, a nossa segurança. Portugal é um país aberto ao cruzamento de culturas e muito tolerante com sociedades diferentes da nossa, e esse cruzamento e essa universalidade desde sempre se deram bem em Portugal, e em Portugal com o Mundo Árabe.

Muito obrigado a todos.

Painel V Sessão de Encerramento



Intervenção do Exmo. Senhor Secretário-Geral da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Eng. Allaoua Karim Bouabdellah

Sua Excelência,

Obrigada pelas suas palavras amigas, pela sua ajuda, que temos sempre encontrado em si.

O Mundo Árabe está agradecido. Sabemos das viagens que o Senhor Ministro tem feito para todo o Mundo Árabe, e das ajudas que tem dado a este Mundo Árabe.

Apenas queria expressar o nosso agradecimento. E é isso que queria transmitir a Sua Excelência.

Obrigado.

Painel V Sessão de Encerramento

Intervenção da Exma. Sra. Secretária-Geral Adjunta da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Dra. Aida Bouabdellah

Excelência,

Foi uma honra tê-lo aqui entre nós. A sua contribuição foi da mais alta relevância para o sucesso desta iniciativa.

A todos os presentes que nos acompanharam durante este dia, obrigada pelo vosso voto de confiança na CCIAP.

Encontramo-nos novamente hoje, pelas 8h30m no nosso jantar de Gala para comemorar o 35º aniversário da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa.

Mais uma vez, Obrigada a todos.

Jantar de Gala para as comemorações do 35º Aniversário da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, dia 20 de Junho 2013



A Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, no âmbito da celebração do seu **35º aniversário** e no seguimento da realização do **Primeiro Fórum económico Portugal-Países Árabes**, realizou, no dia 20 de Junho, 2013 no salão Nobre do Hotel Ritz em Lisboa, o seu **jantar de Gala**.

Quisemos comemorar o **35º aniversário**, tanto para homenagear todos os presentes no **Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes**, como celebrar todo o trabalho elaborado pela CCIAP ao longo dos 35 anos de existência, sendo que esta foi mais uma oportunidade para agradecer aos associados e a todos os *partners* que fazem parte do universo da CCIAP.

Sua Excelência Dr. Álvaro Santos Pereira, Ministro da Economia e do Emprego de Portugal Presidiu o jantar de Gala da CCIAP, expressando a sua imensa satisfação e alegria em participar nesta prestigiosa cerimónia.

Esta cerimónia contou com a presença de mais de **300 pessoas**, entre elas figuras do **mundo político, económico e empresarial, presentes no Mundo Árabe e em Portugal, bem como os associados da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa**.

O jantar contou com a ilustre presença de **Suas Excelências Senhores Ministros Árabes e Portugueses, Suas Excelências os Secretários de Estado de Portugal, Suas Excelências os Senhores Embaixadores Árabes acreditados em Portugal, Suas Excelências os Senhores Presidentes das Federações e Câmaras de Comércio dos Países Árabes e seus representantes, Suas Excelências os Senhores Presidentes das Agências de investimento do Mundo Árabe e de Portugal, Suas Excelências os Senhores Presidentes das Associações Empresariais de Portugal, Associados da CCIAP, Senhores Presidentes e CEO de Empresas Árabes e Portuguesas e Senhores Empresários**.

A CCIAP agradece a presença e o apoio de **Suas Excelências os Embaixadores Árabes acreditados em Portugal**, que ao longo dos anos têm cooperado com esta Instituição.

O **Excelentíssimo Senhor Eng. Allaoua Karim Bouabdellah, Secretário-Geral & CEO**, membro Fundador da CCIAP, que com toda a determinação e dignidade, está à frente desta casa há 35 anos, elaborou um trabalho de exemplo, nunca faltando com a responsabilidade que em si, como dirigente, lhe foi incumbida. É acarinhado e respeitado por toda a comunidade **Ministerial, Diplomática e Empresarial, Portuguesa e Árabe** e foi quem mais contribuiu em Portugal para o aprofundamento dos laços Económicos, Sociais e Culturais com os 22 Países da Liga dos Estados Árabes, servindo sempre os interesses Árabes em Portugal. Por estas razões a CCIAP, na pessoa do seu **Presidente, Senhor Eng. Ângelo Correia, e Sua Excelência Dr. Álvaro Santos Pereira, Ministro da Economia e do Emprego de Portugal** homenagearam o Secretário-Geral & CEO da CCIAP com a abertura em Portugal da **CASA ÁRABE BOUABDELLAH**, pelo contributo inigualável que deu em prol da Cultura Árabe em Portugal.

O projecto **CASA ÁRABE BOUABDELLAH** visa essencialmente aproximar a realidade cultural Árabe, em Portugal. Será um projecto único e dinamizador de várias iniciativas que permitam dar a conhecer a cultura Árabe, (nas suas variadas vertentes).

Com a abertura da **CASA ÁRABE**, sob a égide da CCIAP, conseguiremos realçar o nosso papel bem como demonstrar ao público em geral o que é a Cultura Árabe. Esta **CASA ÁRABE** irá elaborar várias actividades culturais como exposições, lançamentos de livros, cursos de língua e cultura Árabe, palestras, museus periódicos, servindo, num momento mais avançado, como centro de estudo científico. Achamos que o conhecimento da nossa cultura e dos nossos Países passa pela divulgação dos mesmos, não havendo em Portugal nenhuma instituição melhor que a CCIAP para o fazer. Achamos essencial e vital um espaço como este.

Intervenção de Sua Excelência o Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Exmo. Senhor Dr. Álvaro Santos Pereira



Sua Excelência Dr. Álvaro Santos Pereira, Ministro da Economia e do Emprego de Portugal proferiu algumas palavras de agradecimento à CCIAP pelo esforço e empenho no seu trabalho ao longo dos 35 anos da sua existência frisando *que “A Câmara de Comércio e Indústria Árabe - Portuguesa é para nós motivo de grande orgulho, tendo a proeminente tarefa de fomentar o desenvolvimento das relações político-económicas entre Portugal e os Países da Liga dos Estados Árabes”*. Desejando de seguida um bom jantar a todos os presentes.

Intervenção do Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Eng. Ângelo Correia



De seguida teve a palavra o Exmo. Senhor Presidente da CCIAP onde homenageou o Secretário-Geral & CEO da CCIAP, Eng. Karim Bouabdellah.

Frisou o trabalho efectuado ao longo deste período pelo seu fundador, o seu contributo para o estabelecimento e fortalecimento das relações entre Portugal e os Países Árabes, o que à data da criação da CCIAP eram praticamente inexistentes e como durante este período,

Portugal conseguiu trabalhar com estes mercados, sendo estes hoje em dia, verdadeiros parceiros comerciais.

Explicou, dando exemplos de várias actividades da Câmara, que o Secretário-Geral não foi só um dirigente desta casa, mas sim fez dela uma das Instituições mais conceituadas do País. **“O Karim é a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa”**. Proferiu palavras de grande amizade, e acima de tudo de grande admiração pela pessoa que é. **“ Sem Ele a CCIAP não seria o que é”**, explica.

Terminou agradecendo ao Secretário-Geral por ter estado à frente dos desígnios da Instituição dizendo “ Eu peço ao Ministro da Economia que entregue uma pequena lembrança, uma pequena

recordação, que como perceberão significará muito. Todos nós podemos viver em muitos sítios, todos nós podemos viver em muitas casas, mas há uma CASA que nunca nos esquecemos, que no fundo é a nossa...”

Intervenção do Exmo. Senhor Secretário-Geral da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, Eng. Allaoua Karim Bouabdellah



Sua Excelência o Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Dr. Álvaro Santos Pereira, entregou uma placa comemorativa ao Senhor Eng. Allaoua Karim Bouabdellah, que simboliza toda a dedicação, empenho e esforço na criação da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, sendo o acto simbólico da abertura da **CASA ÁRABE BOUABDELLAH**.

O Senhor Eng. Allaoua Karim Bouabdellah agradeceu as palavras do Presidente da CCIAP e mostrou-se bastante satisfeito por poder contar com a presença de todos os presentes, referindo que sem o apoio e carinho de todos, a Câmara de Comércio e Indústria Árabe Portuguesa não existiria.

Referiu que foi a confiança e o carinho de todos, que permitiu alcançar os resultados obtidos, e que será este apoio que permitirá à CCIAP lutar e fazer ainda mais e melhor no futuro, “*Por pelo menos mais 35 anos*”, pois “*Portugal merece, o mundo Árabe merece: estamos tão perto uns dos outros. Mais de 42% do sangue Português é Árabe. Eu sempre acreditei. Este Fórum valeu a pena e vamos fazê-lo novamente, de forma mais afincada. Temos que nos aproximar: o mundo Árabe tem muito a ganhar com este país.*”

“*Sempre afirmei, e volto a fazê-lo, e o meu Presidente é testemunha, que se o mundo Árabe quer entrar na Europa, a única porta que tem não é Espanha, mas sim Portugal. Esta porta está aberta e nós temos de efectivamente aproveitá-la.*”

Por fim, agradeceu a Sua Excelência Ministro da Economia e do Emprego de Portugal, Dr. Álvaro Santos Pereira por todo o carinho com que sempre tratou a nossa instituição, bem como agradeceu a colaboração de todas as entidades dizendo-lhes que poderão sempre contar com a CCIAP. “*Um agradecimento muito especial ao nosso Presidente, o qual não conheci na CCIAP, mas sim há mais de 40 anos.*”

“*Mais uma vez os meus agradecimentos a todos e votos de um bom jantar, e que o Fórum II seja ainda um maior sucesso tanto para Portugal como para os Países Árabes.*”

Reuniões Bilaterais, dia 21 de Junho 2013



No seguimento dos trabalhos do **Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabes** realizaram-se entre as 09h00 e as 18h00 do dia 21 de Junho de 2013, no Hotel Ritz em Lisboa, os **encontros bilaterais entre as empresas Árabes e Portuguesas**.

Nestes encontros marcaram presença cerca de **200 empresas Portuguesas** de diversos sectores de actividade, nomeadamente dos sectores: das energias, das tecnologias de informação, do turismo, do agro-alimentar e dos serviços financeiros, bem como a presença de Delegações Empresariais de **7 Países Árabes**, concretamente: **do Reino da Arábia Saudita, da República da Argélia, dos Emirados Árabes Unidos, do Kuwait, da República da Líbia, do Reino Marrocos e do Sultanato de Omão**.

Estiveram presentes empresas Árabes de vários sectores de actividade, tais como consultoria, produtos agro-alimentares, construção e obras públicas, materiais de construção, organização de feiras internacionais.

Muitos destes Países estiveram representados pelas Federações e Câmaras de Comércio e Indústria como a Arábia Saudita, Egipto, Emirados Árabes Unidos Kuwait, Líbia, o Sultanato de Omão. Também estiveram representantes do Ministério do Transporte e Equipamento de Marrocos, da Agência Nacional de Desenvolvimento do Investimento Argelina. As empresas iniciaram a sua acreditação pelas 09h00, tendo de seguida efectuado os seus contactos com os vários representantes das delegações Árabes presentes.

A realização dos encontros bilaterais entre as empresas Portuguesas e Árabes no âmbito do **Primeiro Fórum Económico Portugal-Países Árabe** proporcionou às empresas Portuguesas a possibilidade de se reunirem com um vasto conjunto de empresas Árabes, num só dia e num único local.

Agradecimentos

Com a realização deste **Primeiro Fórum Económico Portugal-Países**, esperamos ter aproximado a realidade Portuguesa e Árabe. Temos a firme convicção que esta primeira iniciativa deu frutos, e que os interesses conjuntos foram defendidos.

Faremos o **Segundo Fórum Económico Portugal-Países Árabes**. Vamos inovar na abordagem aos vários temas, trazendo novamente a Portugal personalidades de relevo e entidades decisoras do mundo Árabe. Não queremos deixar despercebido o sucesso desta iniciativa, e assim que a mesma mereça ter continuidade na agenda económico-empresarial para 2014.

A CCIAP tem-se tornando num pilar essencial para a extensão dos investimentos e das relações económicas entre Portugal e os 22 Países da Liga dos Estados Árabes. São já várias centenas de iniciativas realizadas, sempre com coragem e determinação, contribuindo decisivamente para o aumento dos fluxos comerciais entre ambos os lados, nunca deixando de inovar os procedimentos para assim fazer face às constantes mudanças que ocorrem, a todos os níveis, nas sociedades modernas.

Ao longo destes 35 anos, a confiança depositada pela Liga dos Estados Árabes, pela União Geral das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura dos Países Árabes na CCIAP, enchem-nos de orgulho e fazem-nos continuar o nosso caminho; o apoio das Autoridades Portuguesas revela confiança e respeito no nosso trabalho.

Os principais beneficiários de toda a nossa actividade são as comunidades empresariais Árabes e Portuguesas, os nossos associados, que tentamos sempre, com rigor e seriedade, fazer face às suas necessidades, elucidando-os e encaminhando-os.

Gostaríamos de Agradecer a Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa, a todas as Entidades Governamentais Árabes e Portuguesas, à Liga dos Estados Árabes, aos Senhores Embaixadores Árabes acreditados em Portugal, à União Geral das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura dos Países Árabes, às Federações e Câmaras de Comércio e Indústria dos 22 Países da Liga dos Estados Árabes, às Associações e Instituições Portuguesas, aos nossos Patrocinadores, a todos os Oradores, aos nossos Associados e a todas as Empresas participantes que tornaram este Primeiro Fórum um grande sucesso.

first **1** ARAB - PORTUGUESE
ECONOMIC FORUM

Lisbon | 20th - 21st June, 2013

